

**HISTÓRIAS E POEMAS
DE**

TERROR

*Para serem lidos na calada
da noite - Vol. VI*



**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-06247-1

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

A RELUTÂNCIA DO INEVITÁVEL, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 05

RUBRICA, POR DANIEL BEDONI, PÁG. 08

CRIME PERFEITO, POR FLAVIO JOPERT, PÁG. 11

A MALDIÇÃO DO CURURETO, POR MAX MOREIRA, PÁG. 13

A BESTA DA CRUELDADE, POR NEY ALENCAR, PÁG. 20

PREFERIA TER FICADO NA CAMA, POR PEDRO R. BEZERRA, PÁG. 25

O DIA EM QUE A NATUREZA VENCEU, POR PEDRO R. BEZERRA, 31

SOLIDÃO DE UM PERECIDO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 37

NÃO COLIDAS!, POR SELMA LUANNY, PÁG. 45

SENSAÇÕES, POR SELMA LUANNY, PÁG. 47

MEDO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 49

QUASE, POR SELMA LUANNY, PÁG. 51

O AMOR DE J, POR SILAS HERMANN CHRISTIAN BICCA, PÁG. 54

O ÚLTIMO GOLE, POR SILAS HERMANN CHRISTIAN BICCA, PÁG. 57

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 60



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

HISTÓRIAS E POEMAS DE **TERROR**

Para serem lidos na calada
da noite - Vol. VI



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



APRESENTAMOS O CONTO A RELUTÂNCIA DO INEVITÁVEL

POR BRUNO NASCIMENTO COELHO

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasileiro, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que lhe ensinaram o valor do trabalho, da imaginação e da observação. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.

Então, finalmente nos encontramos. Não sei quanto tempo se passou desde a primeira vez em que nos vimos. Mas agora, velho conhecido, posso dizer que o dia de hoje era inevitável.

Quantas vezes foram? Quantos lugares visitamos? Bom... isso agora parece irrelevante.

Realmente, tentei evitar, com todas as minhas forças, e ao máximo possível, esse encontro. Em seu inconsciente, Deus, se é que Ele existe, sabe muito bem o quanto não queria estar aqui... em sua presença.

Vivi mais tempo que meus companheiros... Não guardo mais recordações do que vivi. Mesmo assim, continuo curioso com o que as pessoas pensam e sentem. Estranho isso, não é?

Já perdi a conta de quantos partos presenciei, quantos funerais compareci, quantas despedidas proferi. Mas a dor sempre foi uma constante. Algo quase inevitável, quase que uma força da natureza.

É muito intrigante essa dor que permeia o ar deste ambiente, neste exato momento. A dor da existência sem propósito. Aquela que se reporta a um vazio muito particular. Creio que essa dor afeta todos, não é mesmo? Você sabe muito bem... talvez melhor do que ninguém.

Sei que você não se importa com frivolidades, como uma conversa... A presente conversa... mas permita-me algumas palavras antes do real inevitável, mesmo que não tenha mais forças para continuar.

Ninguém realmente sabe como ou quando a vida começa. Alguns crêem saber como ela termina. Outros sabem como o vazio pode ser doloroso. Todos têm medo... Não é mesmo?

Você sabe por que estamos aqui, não sabe?

Mas como explicar as atitudes de alguém que não quer mais viver? Como achar propósito em algo que pessoa alguma conseguiu ver, ou aceitou que outra pessoa estava passando?

A apatia, como conceito, se mostra intrigante, mas como ato prático parece muito confusa. A abstração das emoções, da vida e da morte, da inexistência como é proposta gera outro sentimento, igualmente confuso... o medo.

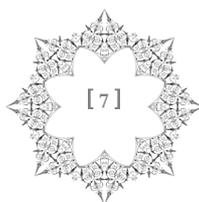
Particularmente, os motivos de sua existência me assustam.

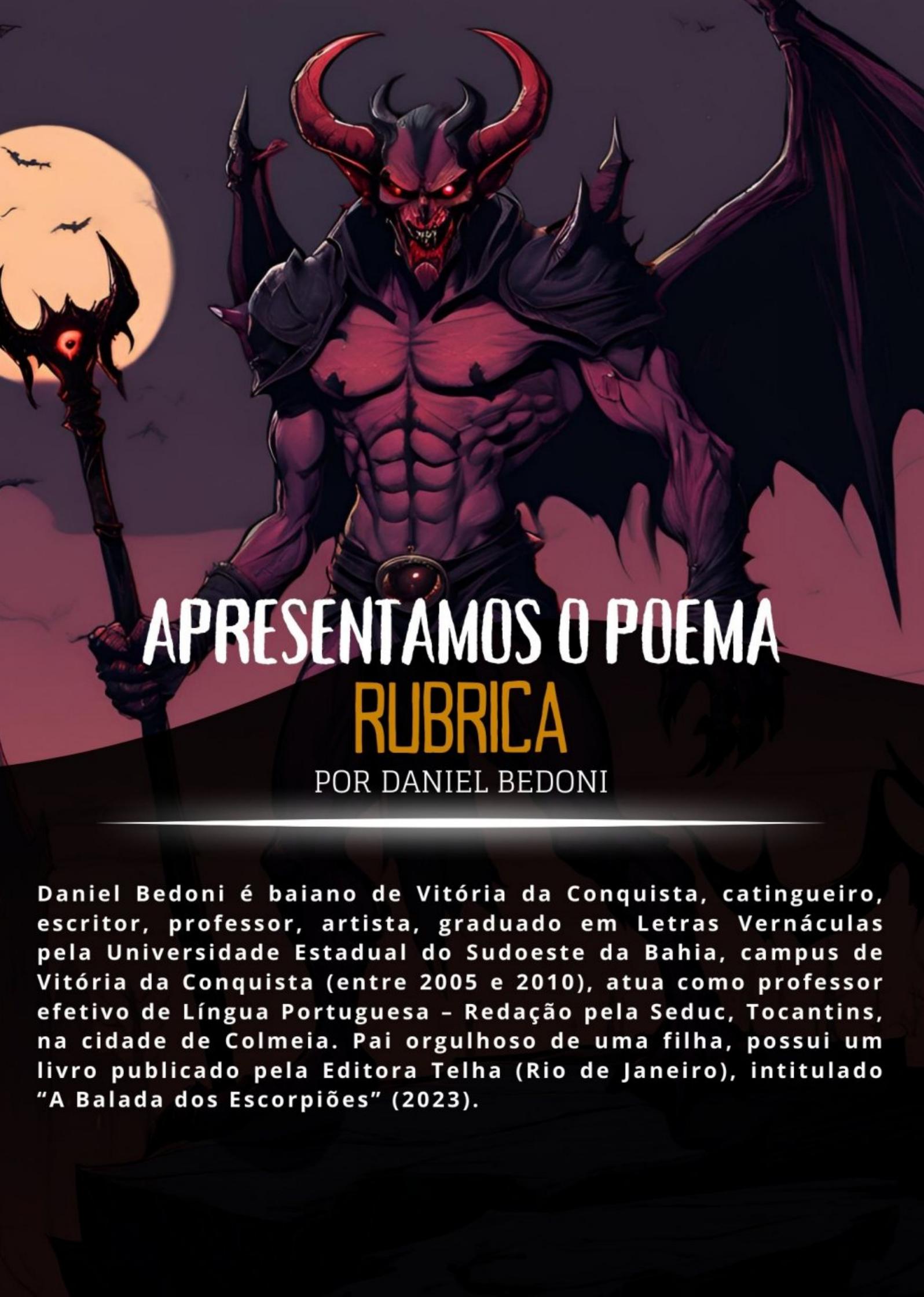
Ter a certeza de que você estaria aqui me assusta. Como é existir sem existir? Há quanto tempo isso ocorre? Quando você se deu conta de sua "in"existência?

Você não está vivo... mas está aqui.

Perdoe minhas indagações, mas como Ceifador de Almas, suas tentativas de tirar sua vida me intrigaram. Obrigado por ser meu ouvinte, ainda que silencioso.

Podemos ir agora.





APRESENTAMOS O POEMA RUBRICA

POR DANIEL BEDONI

Daniel Bedoni é baiano de Vitória da Conquista, catingueiro, escritor, professor, artista, graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista (entre 2005 e 2010), atua como professor efetivo de Língua Portuguesa - Redação pela Seduc, Tocantins, na cidade de Colmeia. Pai orgulhoso de uma filha, possui um livro publicado pela Editora Telha (Rio de Janeiro), intitulado "A Balada dos Escorpiões" (2023).

Era a madrugada de um dia qualquer,
Quando acordei ofegante com um beijo de Satã.
Seu beijo molhado e mimoso tinha gosto de sangue.
Olhou-me no fundo dos olhos, com paternal atenção, e disse:
“Vem!”
E eu fui.

Nas sombras profanas da noite oculta,
Onde a desgraça ulula em cada esquina
Blasfêmias pungentes, andava eu então pari passu,
Com aquele que a luz do Sol abomina,
E entre as sombras ocultas onde a dor é insana,
Caminhávamos de mãos dadas, a sorrir e a cantar,
Por entre esfumada, satânica, fria neblina.

O cheiro gostoso de enxofre e sangue
Nos punha a salivar, carecer, desejar!
Lembrávamos e comentávamos, assim, das guerras insanas
Donde vinho profano e vísceras pingues saltaram ao ar.

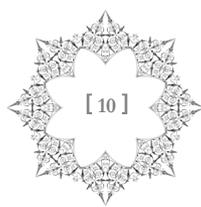
De repente, paramos!
Silêncio!
Satã de novo nos olhos me olha,
Nariz contra nariz, iminente anúncio.
Novo beijo de língua, mais gostoso, sulfuroso, a boca molha.
Satã, como Deus a Caim, me pergunta: “Meu filho, por que o tremor?”

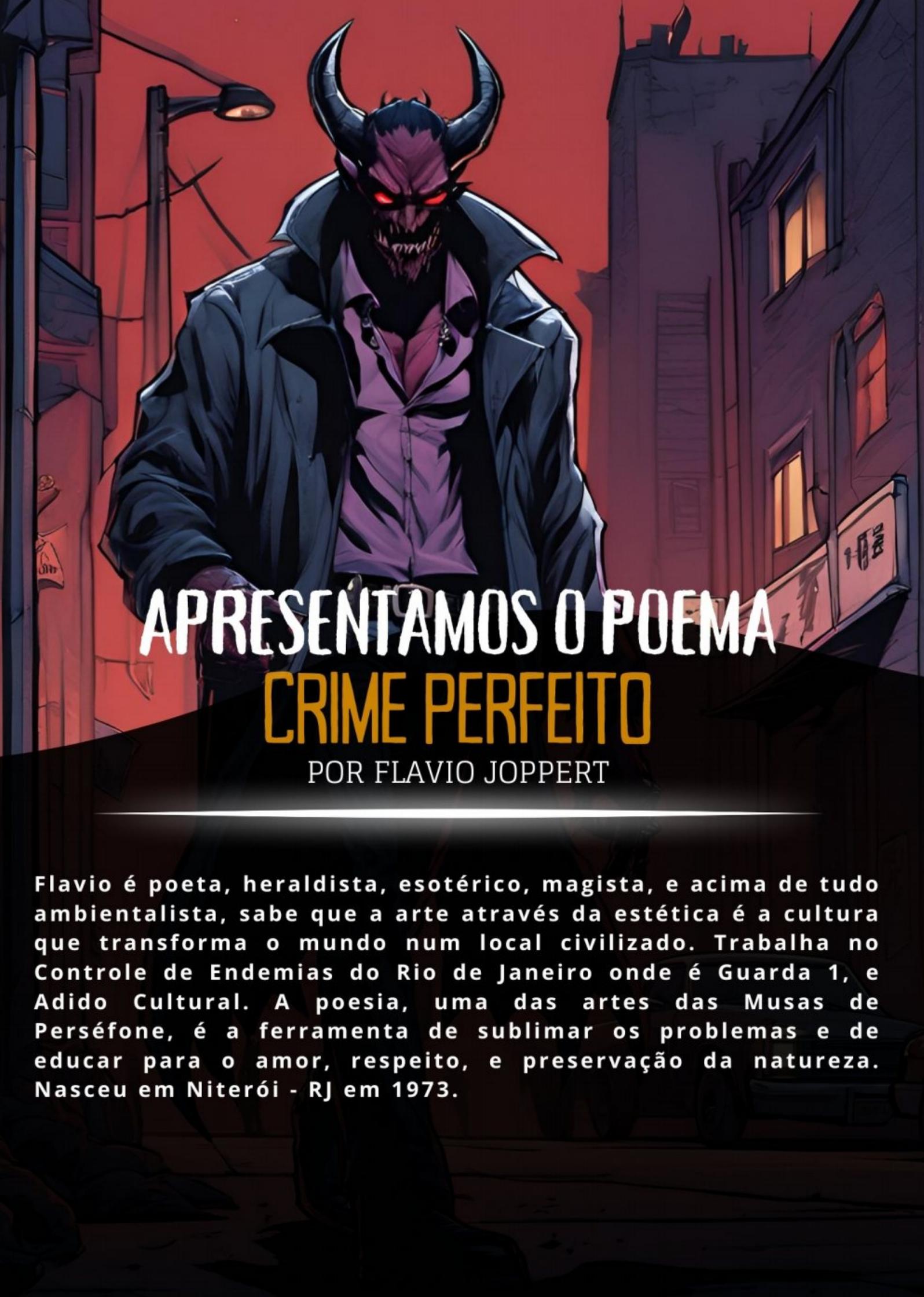
Seus olhos refletem o abismo onde reina,
Sua presença ecoa, um mimo.
Sorriso sem graça, e o Anjo mais lindo entende!
Aperto-lhe a mão como uma criança por Deus desamparada.
Seguimos em frente, até a floresta fechada, selvagem.

“Filho, não olhes para trás! A Natureza te guie, oriente!”

Vislumbro num átimo seu reino nefasto,
Seu trono forjado em ossos e medo,
As almas extintas que caem d’infernal penedo,
Fogo devorador que a alma abrasa.
Dançamos ao som de ais e gemidos,
Seu reino de singular alegria é bastante vasto
Para todos aqueles corpos não redimidos.

Satã desaparece, mas algo fica.
Seu beijo molhado comigo adentra
A negra floresta da vida sedenta,
Beijo ardente na alma: rubrica.





APRESENTAMOS O POEMA CRIME PERFEITO

POR FLAVIO JOPERT

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

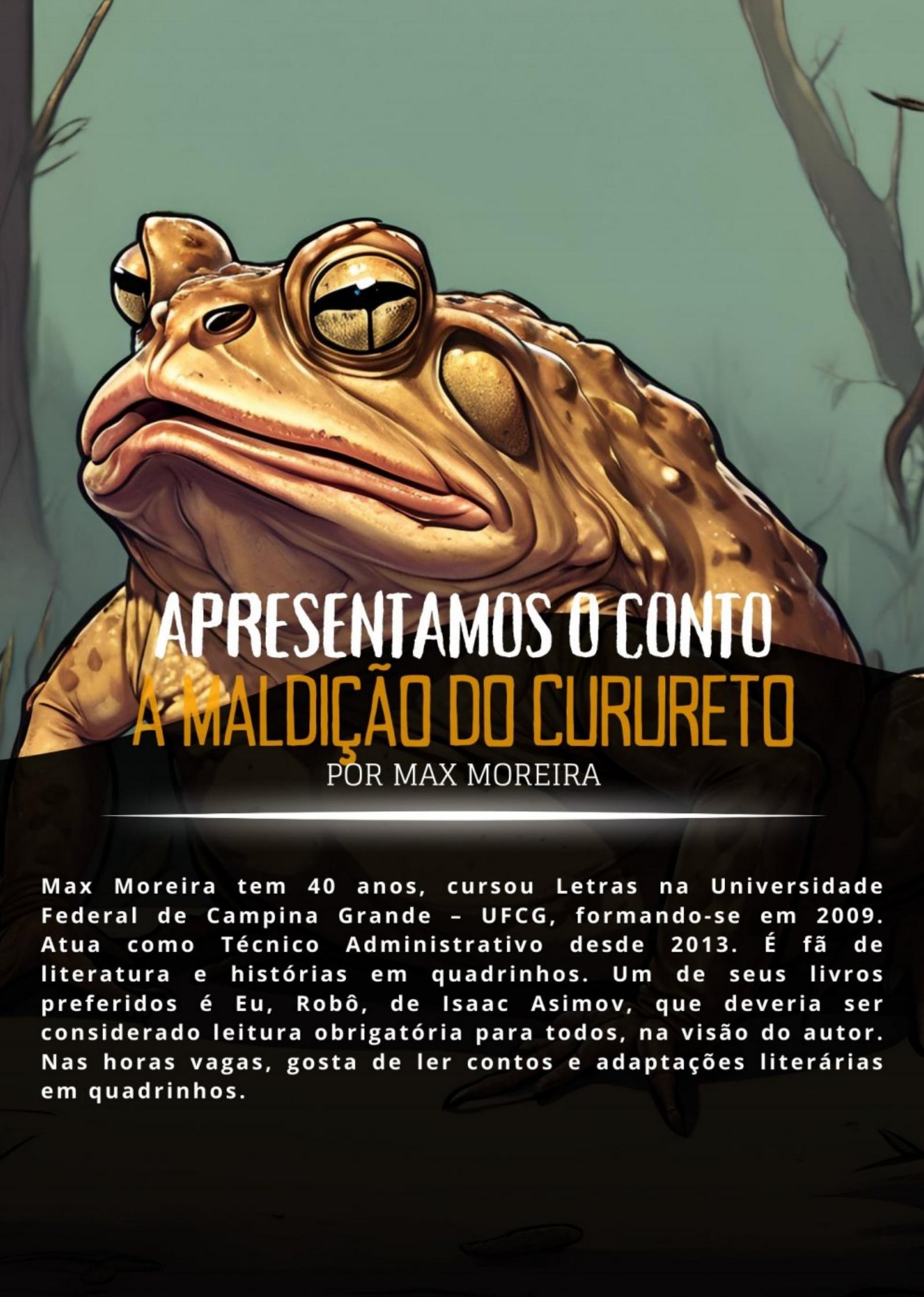
O sol incandescente
se levanta no horizonte.
Num ato indecente
os testículos esmaga.

Uma estrela no céu
se apaga suavemente.
De suas nádegas
escorre esperma quente.

O céu se faz claro,
é hora de sacrificar.
O bicho veado ri e chora.

O vaticínio de Jupiter,
Para a Satã ofertar.
A estrela sela o destino.





APRESENTAMOS O CONTO A MALDIÇÃO DO CURURETO

POR MAX MOREIRA

Max Moreira tem 40 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. É fã de literatura e histórias em quadrinhos. Um de seus livros preferidos é *Eu, Robô*, de Isaac Asimov, que deveria ser considerado leitura obrigatória para todos, na visão do autor. Nas horas vagas, gosta de ler contos e adaptações literárias em quadrinhos.

Natureza. A maior assassina que existe no universo. Seres morrem para dar espaço aos seres que nascem. Animais morrem para alimentar seus predadores. Eis o ciclo da vida, que possui esses dois grandes eventos: o nascimento e a morte. Cada um deles ocorre na espécie humana a partir de certa idade, embora não seja igual para todos. Velhos morrem e bebês nascem. Mas até a Natureza possui suas regras. Ela mata para matar a fome da vida pela qual lutamos todos os dias, pois sem comer e beber, a vida é tragada pela morte. A vida se alimenta da morte e a morte consome a vida. Esse ciclo governa o universo. Mas o arrogante ser humano, que está inserido nesse ciclo, muitas vezes se aquece desta lei essencial. O ser humano é o único animal que mata por prazer e o único animal que destrói sua própria espécie.

Embora o equilíbrio seja desrespeitado pela maioria dos seres humanos, alguns conseguem admirar sua maestria, mesmo que de uma forma singular. Certa vez, havia um senhor que gostava de admirar os eventos naturais, que ele considerava sagrados. Uma das coisas que ele mais gostava era visitar sua casa de sítio e observar à noite os sapos-cururus se alimentando de insetos sob a luz dos postes. Passava horas só olhando aquilo. Depois de alguns anos, devido às mudanças ocasionadas pela destruição da Natureza, a quantidade de sapos-cururus foi diminuindo. Havia noite que não aparecia um sequer. Então ele teve uma ideia bastante inusitada: mandou um homem trazer dentro de um saco o máximo de sapos-cururus que ele conseguisse pegar. O motivo? Para colocá-los sob as luzes dos postes vizinhos a sua casa só para vê-los se alimentando dos insetos. Parece loucura, mas era o jeito dele demonstrar sua admiração. Ficava maravilhado. Ele entendia que o homem não é o dono da Natureza, é parte dela.

Por outro lado, existem pessoas que não suportam a beleza que a Natureza pode propiciar, sendo capazes de matar algum animal simplesmente por gostar de matar. Há quem diga que as mentes humanas estão programadas para ter prazer com o sofrimento alheio. Alguns matam — ou maltratam — qualquer ser apenas por não gostar de alguma característica desagradável aos seus olhos. Foi o que aconteceu com uma mulher chamada Sebastina. Ela odiava os sapos-cururus. A mãe dizia que ela tinha bufonofobia. O que as pessoas não sabiam era que não se tratava apenas de um transtorno de ansiedade causado pelo medo exagerado e irracional de sapos, indo muito além de uma fobia comum. Sebastina possuía certa perversidade que poucos conheciam. Desde criança, sempre que via algum sapo-cururu, ela jogava sal em cima do pobre animal que

pulava agoniado de dor, sempre fugindo dela. A menina se satisfazia assistindo o sofrimento do coitado. E cresceu com esse sadismo impregnado em seu ser. Mesmo depois de adulta, continuava com sentimento de repulsa em relação aos sapos-cururus. E ainda mantinha o costume de jogar sal nos bichinhos para mantê-los afastados. Não suportava a presença deles. Sentia vontade de matar todos eles. O que ela não esperava era que um evento macabro estaria para acontecer.

Sebastina era lavadeira de roupas e morava com a mãe em um sítio. Toda semana, ela ia até um córrego próximo a sua casa para lavar roupas. Em um desses dias, diante do córrego, organizou suas coisas e decidiu deslocar uma pedra meio achatada para colocá-la mais próxima da água, na intenção de usá-la como assento. Enquanto empurrava a pedra, Sebastina avistou um enorme sapo-cururu que estava acomodado embaixo dela. Ela deu um grito estrondoso com o susto, seguido de grande repulsa.

— AAAAAAHHHHHHHHH!

Mas Sebastina não correu ou pediu ajuda. Sadicamente, ela tirou de sua bolsa um pacote de sal que sempre carregava consigo e despejou todo o conteúdo do pacote em cima daquele animal infeliz, que saiu pulando desesperado, enquanto sua pele queimava intensamente. Sebastina bradava contra a existência daquele ser que não possuía nenhum pecado.

— Morra, animal maldito. Queime no inferno e nunca mais volte!

O enorme sapo-cururu pulou por algum tempo até não aguentar mais. Morreu simplesmente por existir. Depois de confirmar a morte do pobre coitado, a perversa Sebastina ainda fez questão de jogar uma grande pedra em cima dele. Após esse nefasto episódio, Sebastina lavou toda a roupa que levava consigo e voltou para casa como se nada tivesse acontecido. Já à noite, dormiu tranquila, sem remorso algum.

No dia seguinte, Sebastina foi novamente lavar roupa como de costume. Ao chegar ao córrego, sua curiosidade sádica a levou até a pedra que jogara em cima do infeliz sapo-cururu, cujo único crime foi ter existido. Sua pulsão de ver o corpo cadavérico era grande demais. Sebastina levantou a pedra e a virou em seu sentido oposto, tendo uma grande surpresa. Não tinha nada. O sapo-cururu tinha sumido. Como era possível? Alguém tinha retirado o cadáver? Mesmo encucada, Sebastina foi até ao local que sempre utilizava para lavar as roupas de sua demanda. Enquanto organizava suas coisas, escutou um constante som que odiava.

— Croac croac...

Instintivamente, olhou para trás, em direção à pedra que moveu anteriormente. Não avistou nada. Prestando mais atenção, percebeu que o som vinha das pedras próximas de onde estava. Logo inferiu que poderia ser um sapo-cururu que estava debaixo de uma daquelas pedras achatadas que sempre utilizava na lavagem de roupas. Irritada, pegou um pacote de sal que estava em sua bolsa, e decidiu conferir cada pedra à beira do córrego. Afastou a primeira, mas não continha nada. Arrastou a segunda, mas nada encontrou. Depois, levantou e virou a terceira. Debaixo dela estava algo aterrador. A visão que teve deixou Sebastina paralisada e muda. Era um imenso sapo-cururu desfigurado, com olhos esbugalhados e vermelhos, e parte do corpo com ossos à mostra. Subitamente, o medonho sapo-cururu saltou em cima de Sebastina, fazendo-a gritar profundamente.

— AAAAAAAAAAHHHHHHHHHH!

Esse medo horripilante fez Sebastina sair daquele local correndo e gritando em busca de casa, enquanto o sapo-cururu desfigurado e esquelético a perseguiu incansavelmente. Em dado momento, ela tropeçou e caiu, dando chance ao seu perseguidor de alcançá-la. Já no chão, Sebastina sentiu uma dor horrível acima de seu calcanhar. Ao olhar seu pé, viu que o grotesco bicho a tinha mordido e não soltava. Sebastina se sacudiu desesperada, mas não surtiu efeito. Tentou golpear o animal com algo que estava na sua mão. Percebeu que era o pacote de sal que ainda segurava com sua mão esquerda. Lembrou que não tinha soltado. Decidiu rasgar o pacote e jogou todo o sal naquela criatura nojenta. Com isso, o sapo-cururu soltou sua mandíbula e se afastou. Logo se escondeu embaixo de uma pedra. Sebastina não recuou. Queria garantir que a estranha criatura seria morta. Pegou um pedaço de estaca que encontrara, e levantou a pedra. Ao fazer isso, não encontrou nada, pois o estranho bicho havia sumido. Por alguns instantes, Sebastina duvidou de sua sanidade e se perguntou se não tinha imaginado aquilo tudo. Mas parecia real demais para ser fruto da imaginação. Após pensar bastante, Sebastina pegou as roupas da demanda do dia e voltou para casa. Ao chegar, disse à mãe que estava indisposta e precisava descansar. Ela foi para seu quarto e sentou-se na cama. Olhou para a parte posterior de seu pé direito e percebeu que estava vermelho. Não disse nada à mãe. Simplesmente, foi ao banheiro, lavou seu pé com sabão, passou um remédio caseiro na vermelhidão e deitou-se em sua cama. Ficou olhando para o telhado e não parava de pensar no que aconteceu. Mas não dormiu. Passou o dia calada e com semblante pesado. A mãe dela estranhou, mas acreditou que sua filha estava ficando

doente. Já à noite, de tão cansada, Sebastina adormeceu antes que sua mãe desligasse todas as luzes da casa.

Durante a noite, de repente, ouviu-se um canto bem familiar. Aos ouvidos de Sebastina, era um barulho insuportável. Era o coaxar de um sapo que se repetia incessantemente.

— Croac croac...

Tensa, Sebastina se levantou para ligar à luz de seu quarto. Tentou procurar a origem do som. Percebeu que algo se mexia debaixo de seu travesseiro. Em silêncio e com espírito agitado, ela se aproximou do travesseiro e o puxou. Debaixo dele, tinha algo horrendo. Sebastina ficou imóvel. Diante dela, estava o mesmo sapo-cururu desfigurado e esquelético que apareceu no córrego. Subitamente, o apavorante sapo-cururu saltou em cima de Sebastina, que gritou profundamente.

— AAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHH!

Sebastina acordou assombrada, alarmando sua mãe. Acabara de ter um pesadelo. Sua mãe veio até ela desesperada e a acudiu. Sebastina não conseguia falar direito de tão espantada. Gaguejava e chorava, apontando para o seu travesseiro, enquanto tentava dizer para sua mãe o teor de seu mau sonho.

— Curu...leto! Cururu...leto! Curu...reto!

A mãe dela entendeu que algo assustou sua filha e decidiu verificar todo o quarto. Puxou o travesseiro e os lençóis e olhou por baixo da cama e dos demais móveis. Nada foi avistado. Mesmo com a mãe tentando convencer a filha da inexistência de qualquer bicho no quarto, a filha não dormiu mais naquela noite. Enquanto fazia companhia a Sebastina, sua mãe notou a vermelhidão na parte posterior do pé da filha e, preocupada, decidiu que iriam ao médico no dia seguinte. E assim foi feito. No consultório, após alguns exames, o médico diagnosticou intoxicação por bufotoxina e indicou um tratamento clínico, assim como também passou um remédio para a paciente dormir melhor.

Nas noites seguintes, Sebastina não conseguia dormir em paz sem o remédio. Ficou paranoica. Vivia ansiosa. Estressava-se com facilidade. Ficou apavorada com a ideia de dormir sem a luz acesa. Sempre olhava debaixo da cama, da cômoda e do guarda-roupa para comprovar que nenhum bicho entrara em seu quarto. Passou a evitar o lado de fora da casa. Não podia correr o risco de esbarrar com algum sapo-cururu. A mãe de Sebastina acompanhava todo o tratamento da filha, mas sempre temerosa.

Os dias foram passando. Sebastina sabia que precisava voltar ao trabalho. Já estava há semanas sem ir ao córrego. Fez um grande esforço para sair de casa, mesmo de dia. Por conta dos remédios, Sebastina sentia-se dopada. Acreditava que podia encarar sua condição sem surtar. Apesar da tensão, sentia-se mais confiante. De volta ao trabalho, a mãe de Sebastina acompanhou a filha no processo de readaptação. Tudo parecia estar correndo como planejado. Surpreendentemente, não avistaram nenhum sapo-crururu durante aqueles dias. Parecia coisa combinada. Tudo corria bem. Porém, certo dia, a mãe de Sebastina não pôde acompanhar a filha, devido a uma consulta médica. Mas a demanda do dia precisava ser cumprida. Tinha muita roupa pra lavar naquela semana. Mesmo relutante, Sebastina decidiu ir, mas só se sentiu segura após colocar um pacote de sal na sua bolsa. Depois seguiu em busca do córrego. Ao chegar ao local, tudo parecia tranquilo. Sebastina apenas seguiu seus passos de sempre. Logo colocou o pacote de sal ao seu lado. Precisava sentir-se segura. Enquanto lavava a roupa, escutou um som ao longe.

— Croac croac.

Sebastina suou frio. Olhou para todos os lados e nada avistou. Tentou se controlar, e continuou seu trabalho. Mais uma vez escutou o som, só que mais perto.

— Croac croac.

Sebastina ficou tensa. Não conseguia mais se controlar. Decidiu juntar suas coisas para sair dali. Quando ela foi pegar o pacote de sal que estava ao seu lado, enquanto olhava para as pedras achatadas ao seu redor, sentiu algo repugnante em suas mãos. Nesse momento, Sebastina ficou gelada. Ao olhar sua mão, veio o choque. Ela estava segurando o asqueroso sapo-cururu que tanto a assombrara. De repente, um grito ecoou tão forte que os pássaros voejaram assustados.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHHH!

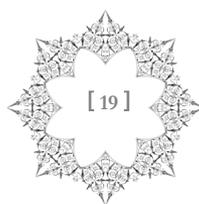
Mais tarde, a mãe de Sebastina voltou para casa e logo notou a ausência da filha. Aflita, foi até ao córrego. Ao chegar ao local, se deparou com uma cena tão impactante que a fez cair assombrada de joelhos. Sua filha estava caída ao chão, com os olhos arregalados e toda suja de vômito, rodeada de vários sapos-cururus coaxando sem parar.

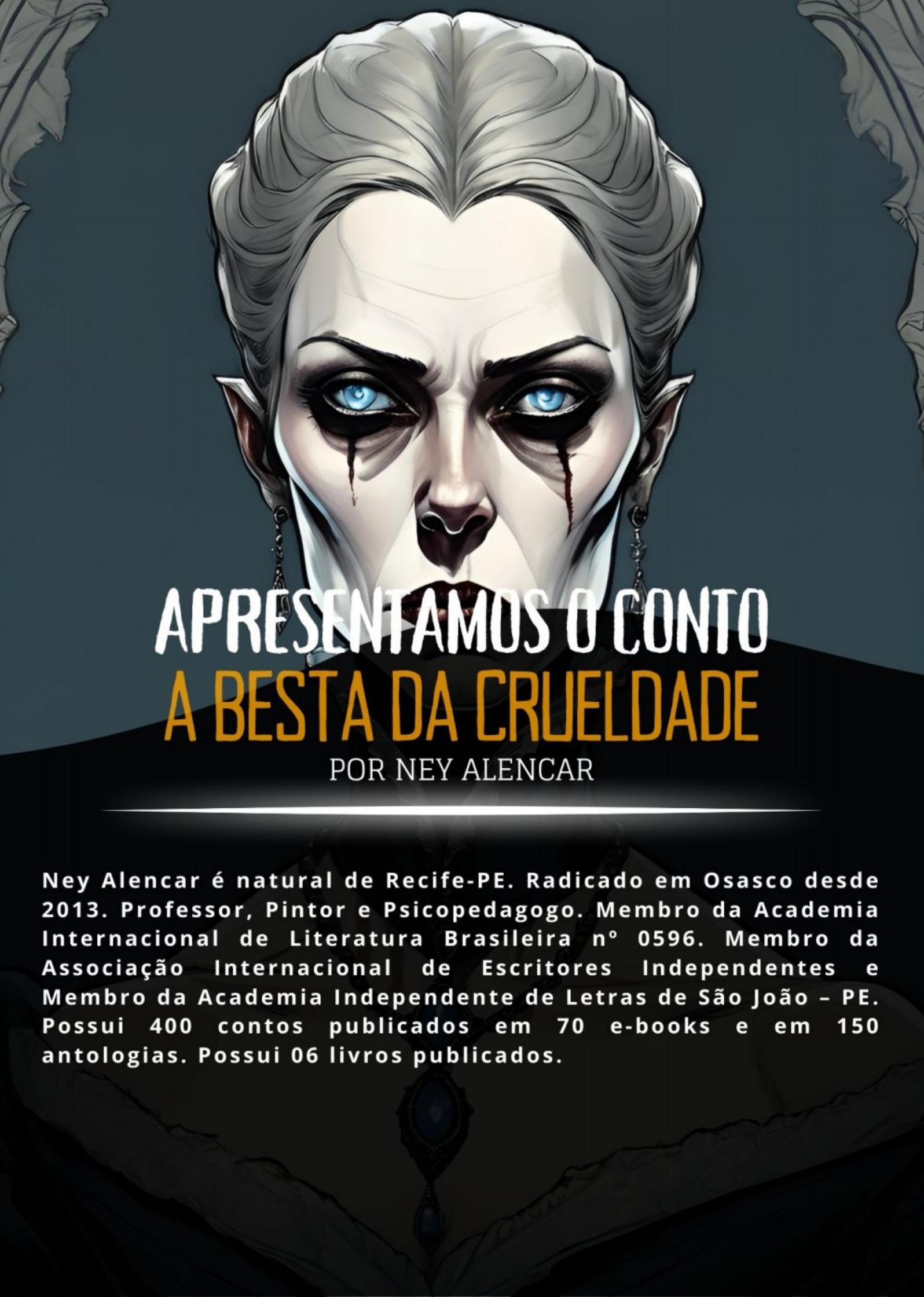
— Croac croac...

Em cima de Sebastina estava o sapo-cururu desfigurado e esquelético. Era o Curureto, como a mãe chamava o fruto do pesadelo da filha. De repente, o Curureto pulou alto em direção às pedras à beira do córrego e desapareceu. A mãe de Sebastina abraçou

em prantos sua filha, que já não apresentava sinais vitais. Estava morta. Restou apenas um corpo velado por todos aqueles bichos que ela tanto desprezava.

Daquele dia em diante todos passaram a temer a maldição do Curureto, uma força da Natureza capaz de vingar sua dor. A Natureza mostra que não suporta mais aqueles que a maltratam.





APRESENTAMOS O CONTO A BESTA DA CRUELDADE

POR NEY ALENCAR

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 400 contos publicados em 70 e-books e em 150 antologias. Possui 06 livros publicados.

A Besta da Crueldade

“Na cruz da Morte, a Vida,
No berço da Vida, a Morte!”

— Antigo ditado alemão

1890. Norderney, Alemanha.

O vento gelado serpenteava com força pelo labirinto de casas de pedra que formavam as ruas estreitas da vila, quase como se tivesse vontade própria!

O sino solitário da pequena igreja repicou as doze badaladas da meia-noite e o som metálico e sinistro ecoou como um grito de aviso bem acima do barulho forte das ondas no quebra-mar.

Súbito uma porta se abriu, a luz escapou como se fugisse de alguma coisa e iluminou por alguns segundos as ruas escuras e frias.

Um casal desceu os degraus de pedra e pisou nos paralelepípedos da rua.

O rapaz, alto e loiro, a pele rosada por causa das abrasões do ar gelado, abraçou a moça, pequena a franzina, com um ar protetor.

Ela, os cabelos também loiros, trançados em um coque e protegidos por uma touca de pele, apertou as mãos pequenas com frio.

De dentro da casa uma voz de mulher velha os chamou, admoestando:

— Está tarde, por que não ficam até o amanhecer? É mais seguro!

O rapaz balançou a cabeça negativamente, tinha outros planos para aquela noite.

A moça não o contradisse, sabia o que a avó queria dizer, um rubor forte subiu-lhe pela face que encobriu rapidamente sem olhar para trás.

Em passos firmes começaram a atravessar a rua.

A casa da moça ficava quase no fim da vila, pouco antes do grande charco e do início da praia branca, mais ao norte.

O pai, pescador, não estava, só retornaria pela tarde do dia seguinte.

Ambos os corações batiam descompassados com a antecipação da luxúria que os consumia desde que haviam começado a namorar.

O vento rodopiou entre ambos e os fez estremecer com seus dedos gelados correndo por suas espinhas, mesmo por sobre os casacos pesados.

A moça olhou assustada ao redor, não gostava de sair à noite, um medo estranho e sobrenatural imposto a ela por gerações de contos de fadas e superstições esdrúxulas marcava sua imaginação fantasiosa!

O silêncio da madrugada se interpunha entre eles.

Naquela escuridão todas as sombras estavam vivas e todos os fantasmas da infância pareciam girar ao seu redor.

Lembrava-se com nitidez mórbida das histórias que sua babá contava ao pé da lareira sobre a Condessa Norder, que havia morado no grande casarão chamado Norder Neye, que há muito havia submergido nas águas da grande inundação de 1362.

As imagens nítidas da tumba da Condessa, descritas pela imaginação vívida e supersticiosa da babá, tomavam conta de sua mente a cada sombra que passavam.

Sua tumba havia ficado submersa pelas águas muito além da grande praia de areias brancas, mas contavam que nas noites antes da Quaresma ela saía do túmulo aquático para procurar mulheres virgens para alimentar sua sede lúbrica e insaciável!

Já vira o grande retrato da Condessa, pintado por um artista inglês quando ela ainda estava viva, uma das poucas obras que se salvaram quando o casarão submergiu.

Estava pendurada na parede principal do velho pub, bem ao lado da igreja.

A imagem nítida daquele rosto branco e magro, de olhos azuis que pareciam se incendiar em uma cólera fria já haviam-na feito perder o sono várias noites seguidas.

Por vezes sonhava que estava caminhando pelas ruas da vila de madrugada e a Condessa aparecia como uma visagem translúcida à sua frente, sorrindo com os lábios exangues e mostrando os caninos finos e afiados.

Quase sempre acordava gritando de horror!

Ah, mas desde que conhecera Hans, já não sonhava mais com aquilo!

Seus sonhos agora eram outros, sonhava com as mãos dele, grandes e grossas e seu peito largo, os lábios carnudos e que sempre pareciam que iam esmagá-la ao se apertarem contra os seus, quando os beijava.

Agora acordava sempre suando e com o coração batendo forte, como se tivesse cometido uma falta grave.

Sabia que não era nada!

A velha babá e a avó lhe diziam que era assim mesmo!

Que aqueles calores faziam parte das emoções que tomariam conta de sua vida depois que se casasse.

Ela não tinha certeza, mas não deixava de gostar um pouco daquilo.

Apertou a mãozarrona de Hans com força!

Súbito ouviu um barulho atrás deles.

Um assobio curto como se fosse um sussurro cantado!

Assustou-se e o coraçãozinho pulou dentro do peito, puxou Hans pela mão.

Não queria olhar para trás para ver o que era.

Sabia que iria se arrepender se o fizesse.

Hans voltou-se e olhou, procurando a origem do barulho!

Viu que ele ficou pálido e sentiu seus dedos grossos apertarem sua mão, como se de repente ele fosse tomado pelo medo.

Agora era ele que a puxava.

— Que foi, Hans? — perguntou ela temerosa da resposta.

Ele a olhou e havia pânico em seus olhos arregalados, era como se quisesse falar, mas as palavras não conseguissem sair da boca, estava amedrontado demais!

Ela se forçou a olhar para trás.

Havia apenas a escuridão da rua, nada mais!

Olhou para cima, para os telhados pontiagudos, porém estavam todos vazios, a abóbada celeste se abria sobre eles com sua negritude pulsante cheia de estrelas, havia uma qualidade selvagem ali, uma brutalidade bárbara e indômita que brilhava naquela luz fantasmal que descia da atmosfera gelada.

Nunca havia prestado tanta atenção às estrelas como naquele momento!

Elas pareciam sorrir para ela como dentes alvos em uma boca colossal que se abria para engoli-los!

Faminta por suas almas!

Um arrepio congelante subiu por seus pés e fez seus cabelos se arrepiarem de terror!

Quando se voltou para a frente, viu um vulto que se escondia por detrás do beiral de uma casa mais distante.

Hans também o viu e parou!

Ela o puxou, porém ele não queria ir adiante.

Estava paralisado de terror!

Ela lhe suplicou que continuassem, era perigoso ficar parado naquele lugar naquelas horas mortas!

Ele parecia mesmerizado! Como se houvesse olhado diretamente dentro da escuridão e fosse tomado por ela, não queria dar mais nenhum passo.

Ela largou a mão dele e ele acordou daquele encanto sinistro!

— Corra, meu amor! — pediu ele e ela olhou dentro dos olhos suplicantes dele e percebeu que ele não iria junto com ela.

— Venha comigo! — pediu ela numa voz quase chorosa.

— Ela quer a mim, meu amor! Se eu ficar, você poderá escapar! — gemeu ele.

Ela olhou de volta para a rua escura à frente e viu uma sombra destacar-se da parede de uma casa, uma sombra esguia de mulher.

O vestido estava em farrapos, mas podia perceber a cor avermelhada que não lhe era natural, havia salpicos e manchas que pareciam escorrer por ele.

Os braços longos e finos, brancos como mármore, estavam estendidos em sua direção, as mãos se abriam e fechavam e as unhas pretas, repelentes, eram como garras de um animal de rapina.

O rosto, porém, foi o que mais a amedrontou!

Os olhos fundos estavam arregalados em uma expressão vazia e faminta, de forma que aquele olhar a prendia, mesmerizava e fazia com que uma lassidão premente preenchesse todo seu corpo, fazendo com que não pudesse se mover.

A boca de lábios finos e descarnados abriu-se devagar em um rictos desalmado e bárbaro, deixando entrever os dentes finos e afiados.

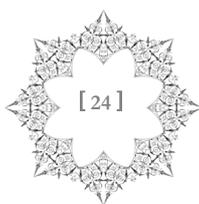
Foi então que ela reconheceu a assombração!

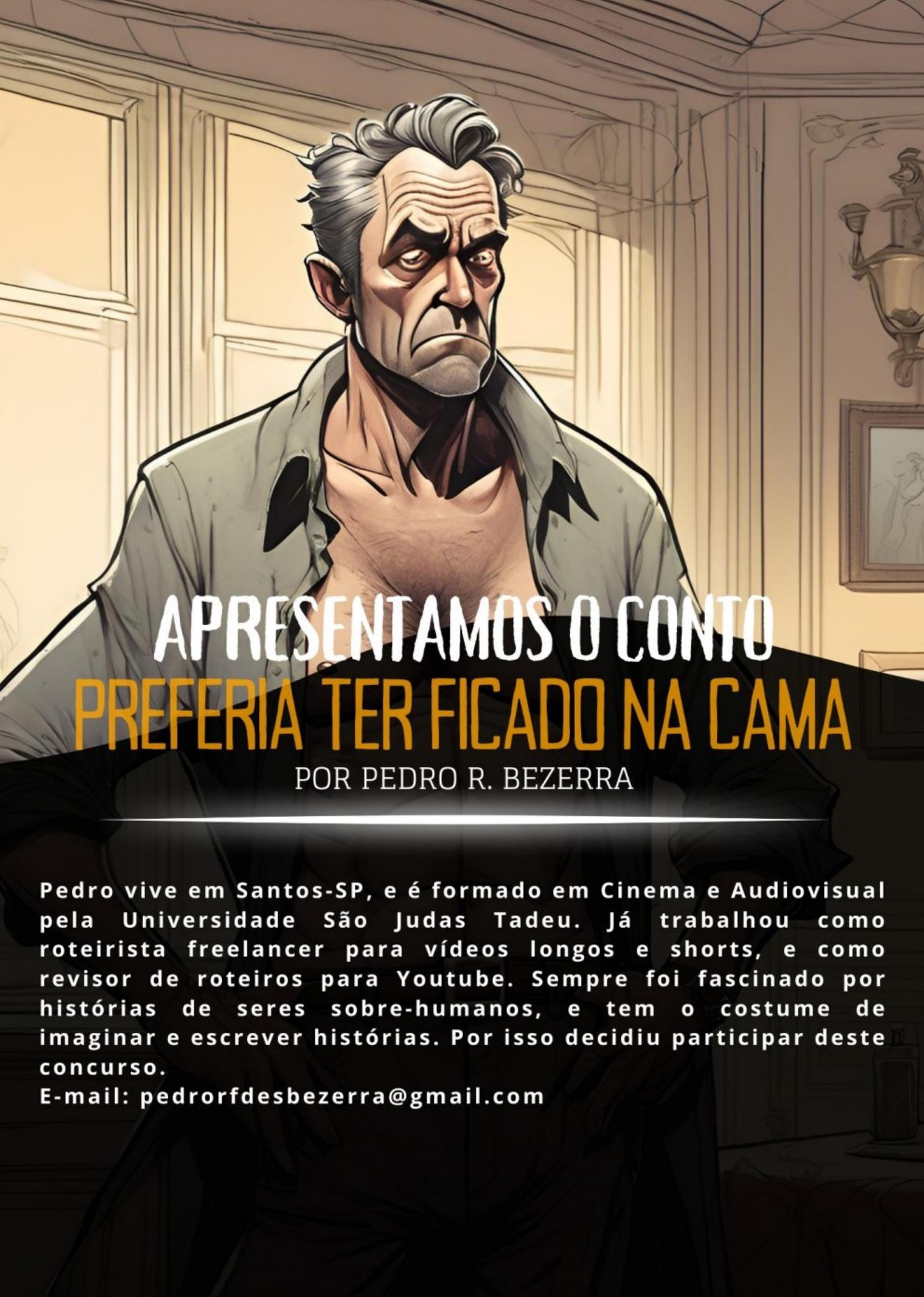
A Condessa sorriu com o olhar de pavor e reconhecimento!

E abrindo mais os braços os envolveu em um abraço gelado e mortal!

Quando a autora veio, apenas as ruas desertas restavam!

Assustadas demais para sussurrarem sobre o novo corpo que se deitava junto ao da Condessa naquela cripta submersa!





APRESENTAMOS O CONTO PREFERIA TER FICADO NA CAMA

POR PEDRO R. BEZERRA

Pedro vive em Santos-SP, e é formado em Cinema e Audiovisual pela Universidade São Judas Tadeu. Já trabalhou como roteirista freelancer para vídeos longos e shorts, e como revisor de roteiros para Youtube. Sempre foi fascinado por histórias de seres sobre-humanos, e tem o costume de imaginar e escrever histórias. Por isso decidiu participar deste concurso.

E-mail: pedrorfdesbezerra@gmail.com

Antes de tudo isso, eu só me lembro de ir dormir. Era uma noite como qualquer outra. Meus pais já tinham dormido há algum tempo, e eu fiquei lendo até o sono vir. E quando ele veio, eu apaguei a luz do meu quarto e adormeci, sem imaginar o que me esperava quando acordasse. Se soubesse, iria preferir ter ficado na cama. Eu fui acordado por um som estranho. Era um ruído desafinado, mas quando me lembro dele, talvez fosse na verdade uma risada. Uma risada esganiçada e de tonalidade perversa. Esse som me fez acordar. Não foi de imediato, pois estava um pouco tonto. Na verdade, enquanto despertava, eu percebia que acabava de ter um sono profundo como há muito tempo não tinha, o que me deixou feliz por um momento, pois sofria muito de insônia. Mas quando deixei de pensar nisso para prestar atenção no arredor, foi então que meu terror começou.

Eu comecei me esticando na cama, quando percebi que minha mão tinha batido em algo. Virei a cabeça, e percebi que tinha outra pessoa na cama comigo. Uma mulher que eu nunca tinha visto antes. Pode parecer uma atitude infantil da minha parte, mas eu tomei um susto que me fez cair da cama, o que acordou a tal mulher, que perguntou se eu estava bem. Sem saber como reagir, eu simplesmente perguntei quem era ela, e como tinha entrado na minha casa. A resposta dela me surpreendeu. Ela apenas suspirou, e disse:

— Não precisa inventar desculpa pra me fazer ir embora. Ainda mais uma tão idiota como essa. Relaxa, não precisa nem fazer café da manhã.

Ela então se levantou, revelando estar totalmente nua, e começou a se vestir. Nesse momento, eu percebi que também estava sem roupas, e peguei um lençol da cama para me cobrir rapidamente. E com isso, também percebi que talvez eu é quem estivesse no lugar errado, pois o quarto em que eu estava não era aquele onde eu lembrava de ter ido dormir na noite passada. Era um quarto bem mais malcuidado, com direito até a alguns buracos na parede. A mulher então terminou de se vestir, me deu um tchau sem muita animação, e foi embora. Eu queria ter perguntado a ela o que estava acontecendo. Por que eu, um rapaz de 17 anos, tinha acordado em um quarto diferente, com uma estranha? Eu decidi ir ao banheiro para lavar o rosto, pois isso sempre me ajudou a relaxar e clarear as ideias. Mas foi então que pela primeira vez me vi no espelho, e vi um rosto que, até onde me lembrava, não era o meu. Era muito mais velho. Devia ter, pelo menos, uns 50 anos.

Minha respiração começou a ficar pesada. Eu me belisquei para ter certeza de que tudo aquilo não era um sonho. Não era. O que só aumentou meu desespero.

Minha mente estava a mil por hora. *Onde estão meus pais? Meu irmão? Que casa é essa onde eu estou?* Lavar o rosto não me relaxou suficiente. Eu precisava encontrar alguém que eu conhecesse, e descobrir o que estava acontecendo. Saindo do banheiro, dei de cara com um celular, em um criado mudo ao lado da cama. Nunca tinha visto aquele aparelho, e até pensei que a mulher o tivesse esquecido. Mas como estava tudo muito estranho, talvez fosse meu. Eu então o peguei, e vi que tinha uma foto minha nele. Parecia que era meu mesmo. Me apressei em ligar para casa. Enquanto chamava, meu coração batia forte, ansioso por alguma palavra de conforto da minha mãe, ou algum conselho de meu pai. Mas quem atendeu foi uma voz que eu não conhecia. Perguntei quem era, e para a minha surpresa, aquela voz masculina extremamente grave era de meu irmão Claudio, que eu me lembrava de ter apenas 7 anos. Mas isso não importava. Pelo menos agora, eu tinha alguém conhecido para me explicar a situação. Mas para meu espanto, quando eu ia começar minhas perguntas, meu irmão começou a me xingar. Ele dizia:

— Já disse pra parar de ligar! Não vai mais se aproveitar da boa vontade da mãe de do pai! E depois do que você fez com a Denise, eu mesmo faço questão de te manter longe da gente! Então, se perdeu tudo que tinha em jogo, ou se tá sofrendo ameaça de morte de algum dos seus amigos traficantes, se vira!

E desligou o telefone.

Eu, obviamente, não entendi nada. Mas podia sentir que o ódio daquelas palavras era verdadeiro. Mas como? Eu nunca me envolvi com drogas ou jogo na minha vida! E quem é Denise? Cada segundo que passava, eu ficava mais desesperado por não ter nenhuma resposta. Eu então comecei a chorar na cama. Foi aí que ouvi a voz dele:

— Não esperava que fosse desmoronar tão cedo.

Aquela voz me assustou. Eu pulei da cama, e vi uma figura estranha do outro lado do quarto. Em geral, parecia um ser humano, mas tinha algumas extremidades do corpo, como queixo e orelhas, pontudas. E sua pele era de um vermelho rosado, como se estivesse queimado de sol. Claro que a primeira coisa que me veio à mente é de que se tratava de um demônio. Mas isso não era o mais assustador. De alguma forma... ele não parecia um completo estranho para mim.

Ele percebeu minha surpresa e minha confusão, e sorriu. E o sorriso logo evoluiu para uma risada. Uma risada que eu reconheci como aquela que ouvi antes de acordar. Não perdi tempo. Perguntei quem ele era, e o que estava fazendo lá. Ele me encarou com um olhar descontraído, mas ainda assustador, e disse:

— Não se lembra mesmo de mim? Seu amigo, que te fez aquele grande favor!

Eu tentei forçar minha mente para lembrar, mas não consegui. Então apenas acenei negativamente com a cabeça, e ele disse:

— Claro que não. Vocês nunca se lembram. Tudo bem, eu já não me importo. Só passei aqui para me despedir. E agradecer por esses anos. Foi muito divertido.

Quanto mais ele falava, mais confuso eu ficava. Ele parecia perceber isso, e gostar do quanto eu tinha medo que ele fosse embora sem me explicar nada.

— Está mesmo desesperado, não é? — ele disse — Bom, você me proporcionou muitos prazeres, e eu sou um sujeito justo. E, na verdade, é tudo bem simples. Eu sou um espírito. E nos últimos 33 anos, eu estava possuindo seu corpo.

Ouvi aquilo atentamente. Com certeza, não entendi errado. E, por incrível que pareça, era a única coisa que fazia algum sentido desde que eu saí da cama. Mas não diminuiu meu desespero. Eu então disse ao espírito:

— Então... Você apenas tomou meu corpo... E passou todos esses anos fazendo o que bem entendia?! Você fez todas as coisas ruins que o meu irmão estava dizendo?!

— Culpado! — ele respondeu, sem tirar o sorriso do rosto. — Mas... Não venha dizer que eu tomei seu corpo! Foi algo completamente consensual!

— Consensual?! Eu nunca te daria permissão pra tomar meu corpo e destruir a minha vida!

— Não só daria, como deu! Vamos, lembre-se... Depois que você dormiu naquela noite, nós nos encontramos no seu sonho. Sonho esse que eu me lembro bem, e você estava perfeitamente lúcido, não finja que não! Eu fui até você porque sentia... Sua mente estava em conflito, precisava de ajuda... Eu então fui até você, e me ofereci.

O que acontecia conforme ele falava era muito estranho. Eu me lembrava com clareza do momento que ele descrevia. Como é possível? Será que ele estava plantando

essas ideias na minha cabeça? Não. De alguma forma, eu podia sentir. Aquelas eram memórias sendo destravadas. Tudo então ficou claro. Me lembrei daquele cenário vazio por onde vaguei durante um tempo, e o encontrei. Ele se apresentou de uma forma diferente. Não tinha aquela aparência monstruosa de agora. Parecia alguém mais ético. E aquele sorriso parecia mais acolhedor. Sim... E eu lembro do que ele me disse. De alguma forma, ele sabia das minhas inseguranças. Essas memórias sim estavam frescas na minha mente. Eu sempre tinha dificuldade para dormir por conta de minha ansiedade com o futuro. Estava prestes a me formar, e não tinha certeza do que queria fazer, ou se conseguiria fazer algo. Pois apesar de ser um bom aluno na escola, nunca fui uma pessoa de muita atitude. E foi esse ponto que o tal espírito decidiu explorar. Ele me disse que poderia me livrar da parte difícil da vida. Se eu deixasse ele tomar conta do meu corpo, ele passaria por todo o processo até uma vida estável, e então me libertaria, e me deixaria viver aquela vida que ele construiu.

Não pense que fui tão ingênuo. Eu perguntei o que ele ganharia com aquilo. Ele apenas respondeu que queria sentir o mundo dos vivos mais uma vez, e que se eu o ajudasse com isso, ele consideraria um grande favor. A voz dele era hipnotizante, e a proposta extremamente tentadora. Não tive saída... Eu aceitei. E é partir daí que eu não tenho mais memórias. Mas acho que já consegui deduzir o que aconteceu.

— Você me enganou! — eu disse ao espírito — Tomou a minha vida, e a usou para me tornar um criminoso!

Em um acesso de fúria, eu tentei ataca-lo, mas ele desapareceu antes que eu pudesse tocar nele. E reapareceu atrás de mim, dizendo ainda totalmente relaxado:

— Não tente tirar sua parcela de culpa, amigo! Eu ofereci, sim! Mas quem aceita, é cúmplice! Eu não te forcei a nada! Você queria abrir mão da sua vida, com medo do que ela tinha preparado para você, e eu queria me divertir! Uma mão lavou a outra!

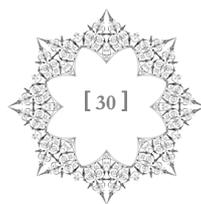
— Se estava gostando tanto, por que saiu de mim?!

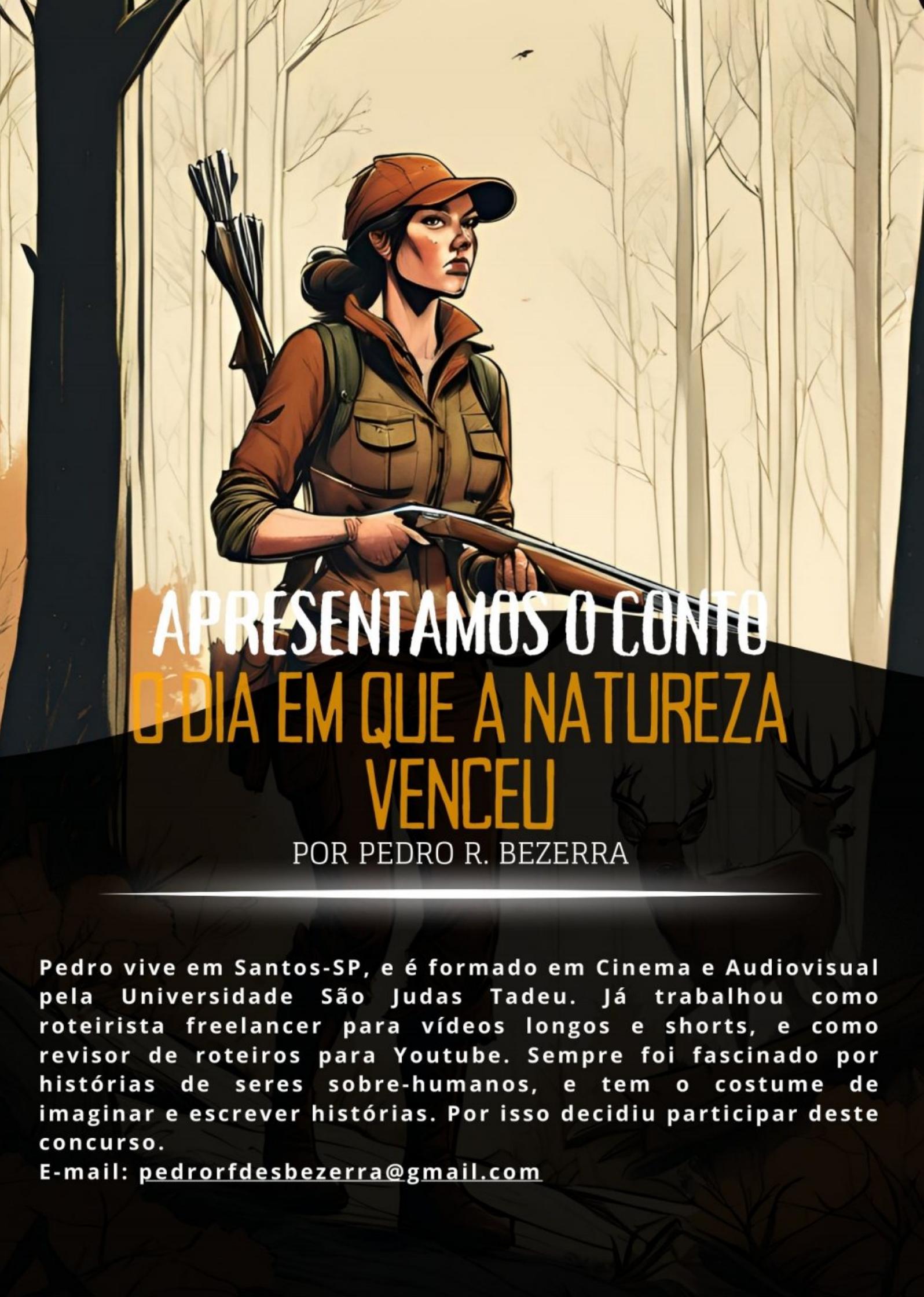
— Agora, você está velho demais para o meu estilo de vida! Aliás, a diversão não estaria completa sem que eu visse o seu desespero ao descobrir tudo que fez...

E era isso mesmo que ele via em mim, e sorria.

— Muito bem! — ele disse — Tchou, tchau!

E então ele sumiu, me deixando apenas com o desespero pela vida boa que troquei por aquele inferno, cujos detalhes sórdidos ainda nem conhecia direito. Não poderia ter outra reação. Então olhei para a janela aberta do quarto, e comecei a chorar.





APRESENTAMOS O CONTO O DIA EM QUE A NATUREZA VENCEU

POR PEDRO R. BEZERRA

Pedro vive em Santos-SP, e é formado em Cinema e Audiovisual pela Universidade São Judas Tadeu. Já trabalhou como roteirista freelancer para vídeos longos e shorts, e como revisor de roteiros para Youtube. Sempre foi fascinado por histórias de seres sobre-humanos, e tem o costume de imaginar e escrever histórias. Por isso decidiu participar deste concurso.

E-mail: pedrorfdesbezerra@gmail.com

Todos que eu conhecia diziam a mesma coisa. Que se eu tentasse caçar na floresta da fronteira, só acabaria matando a mim e a minha filha. Mas eu não via outra escolha. As reservas de frutas estavam no fim. Os outros não pareciam se importar, pois diziam que tudo que fizemos até agora foi apenas atrasar nossa extinção, e que esse atraso estava prestes a acabar. Mas eu não podia aceitar aquilo. Como uma mãe, eu precisava pelo menos tentar manter Ana viva o máximo que eu conseguisse. E naquele momento, parecia que a única forma era caçar animais remanescentes na floresta da fronteira. Se eu esperasse demais, logo todos seriam levados para o ocidente, e o nosso lado do mundo não teria mais lã para nos aquecer, ou ovos, leite, e muito menos carne, para nos alimentar. Por um tempo, tivemos frutos das plantas, mas até elas pararam de crescer do nosso lado. Alguns dizem que isso é porque as abelhas e outros polinizadores foram levados por ele para o outro lado. Outros dizem que ele quer nos torturar. Nos matar de forma lenta e doentia. E como é capaz de falar com as plantas, ordenou que elas parassem de nos sustentar.

Mas pensar sobre isso não iria ajudar em nada. Então eu fui com minha filha até a floresta. Eu pensei em deixá-la no abrigo. Mas todos diziam que eu não voltaria, e que a bebê devia estar ao lado da mãe até o fim da vida. Achei um absurdo esse pensamento, mas não podia culpá-los. Desde que o Curupira se libertou de sua prisão na Amazônia, e depois de ele ter tomado a América para si e os animais... tem sido difícil para nós humanos termos esperança sobre o futuro. Então, só me restava levar Ana presa em uma trouxa de pano, uma antiga espingarda de meu falecido pai, que, na infância, nunca pensei que chegaria a usar, e partir para a floresta.

Caminhei devagar para não mexer muito a folhagem e espantar algum animal por perto. Não podia correr nenhum risco. Devo ter levado algumas horas para encontrar minha primeira presa. Um cervo. Nunca tinha visto um ao vivo antes. E muito menos esperava ter que matá-lo. Estava a uma certa distância, mas sabia que era suficiente para acertar um tiro. Me agachei lentamente e preparei a arma, meu estômago começou a roncar, e acho que isso chamou a atenção do animal, mas não o bastante para espantá-lo, o que me fez respirar aliviada. Mas então, Ana começou a chorar, e isso sim fez o cervo ir embora. Quase xinguei minha própria filha, mas sabia que não era culpa dela. Ela estava

com fome. Coloquei a trouxa que a trazia no chão, e dei a ela um pedaço de manga que havia levado. Estava quase totalmente estragada, mas era a única comida que restava para nós.

Após isso, sentei no chão para descansar um pouco. Pensava no tempo que demorei para encontrar aquele animal, e o tempo que levaria para encontrar outro, se é que eu conseguiria encontrar. Mas então, algo me surpreendeu. O cervo voltou ao ponto onde estava. Não só isso, ele começou a me encarar. Eu me levantei, e me perguntei o que se passava em sua mente. Mas logo meu estômago voltou a roncar, e eu lembrei o porquê de eu estar naquela floresta. Mirei com a arma o mais rápido que meus reflexos permitiam. Mas não consegui atirar, pois fui derrubada e detida no chão por uma leoa, que começou a me encarar mostrando os dentes, em uma expressão claramente ameaçadora. Obviamente, fiquei apavorada. Mas também fiquei intrigada. O cervo se aproximou, e também me encarou, sem qualquer medo de estar ao lado daquela que devia ser seu predador. Eu pensei “*Será possível? Será que o cervo foi chamar essa leoa para defendê-lo de mim?*”. Não tive muito tempo para refletir sobre isso, pois vi a leoa abrindo sua boca, claramente para acabar com minha vida. Fechei os olhos, esperando meu destino cruel. Mas o choro de Ana começou a soar novamente, e isso pareceu chamar a atenção da leoa. Ela olhou na direção onde deixei minha filha. Ela saiu de cima de mim e foi naquela direção, mas não sem antes chutar minha arma para longe. Certamente os animais são mais espertos do que pensávamos em nossa Era de Ouro. Só pude observar a leoa se aproximando de minha filha, e fiquei desesperada com o que iria acontecer com ela. Mas a criatura não a atacou de imediato. Ela encarou o cervo, que também se aproximou para observar Ana. Parecia que estavam em um impasse, discutindo de uma forma única. Observei aquilo intrigada, mas logo os dois animais voltaram a mim, e fui desacordada. Lembro apenas de ser atingida por algo rígido. Talvez o cervo tenha me dado um coice na cabeça. Sei que não foi para me matar, pois se quisesse isso, teria conseguido. Em vez disso, eu acordei, e percebi que, junto de minha filha, fui levada a uma praia. Vários animais estavam no entorno, inclusive o cervo e a leoa. Todos me olhavam um pouco intrigados, mas pareciam não se importar realmente com minha presença, pois o tempo todo olhavam para o mar. Parecia que esperavam ansiosamente por alguma coisa. Foi então que me veio a ideia de onde eu poderia estar, e meu coração acelerou.

E eu estava certa. Em questão de minutos, eu vi chegando pelo mar uma grande jangada. A arca de Noé que vinha para, aos poucos, levar todos eles para o que acreditam

ser sua Terra Prometida, longe dos humanos. E na proa daquela embarcação, mais profissional do que eu imaginaria que um selvagem seria capaz de produzir... estava ele. O Curupira. O centro de todo esse novo mundo em que minha filha nasceu. Fiquei sem palavras, apenas abraçada a Ana, temendo o que poderia acontecer. Mas ao mesmo tempo, pela primeira vez, eu sentia esperança. Porque o cervo e a leoa nos levaram até lá? Será que se apiedaram, e o Curupira nos levaria para o lado bom da Terra? Logo eu descobriria.

A grande jangada atracou na praia. Nenhum animal se moveu. Acredito que estavam mostrando respeito àquela figura, que agora eu conseguia ver em detalhes. Era realmente baixo, como as lendas diziam, mas seu corpo era musculoso, com seu cabelo vermelho esvoaçante, um rosto de aspecto pontudo, olhos vermelhos penetrantes, e claro, seus pés virados para trás, que devia ser sua característica mais marcante, mas considerando tamanha imponência, eu até demorei para reparar esse detalhe. O Curupira então soltou um grito agudo, e os animais se empolgaram. Eles começaram a subir na embarcação. Era uma entrada organizada, mas ainda assim barulhenta. Por isso fiquei admirada pelo Curupira ter conseguido ouvir o rugido da leoa, e ido a nosso encontro em uma velocidade impressionante. Ele logo percebeu minha presença, e ficou surpreso. Me olhou com um olhar feroz, que me amedrontou. Mas a leoa chamou sua atenção novamente, e ele voltou a olhar para ela. O Curupira começou a se comunicar com a leoa, rugindo como sua espécie. Obviamente, eu não entendia a conversa, mas eles pareciam estar discordando em algum ponto. E então, o Curupira voltou a olhar para mim. Ele se aproximou cada vez mais, sem deixar o olhar ameaçador se desmanchar.

— Você tem sorte de estar aqui. — ele disse, com uma voz profunda. E percebendo que eu fiquei em choque por ele falar, ele continuou — Não fique tão surpresa. Eu sou o guardião da natureza. Posso me comunicar com todos os seres vivos.

Depois de um momento de silêncio, consegui falar.

— O que eu faço aqui?

Ele apontou para a leoa ao nosso lado.

— Ela se apiedou de seu filhote. Também perdeu um há alguns anos. Ela a trouxe até mim, perguntando se eu poderia ter misericórdia.

Minha respiração se acelerou.

— Está dizendo que... Vai nos levar para o outro lado?!

Sua voz mudou para um tom mais agressivo:

— Vocês não! Você já foi corrompida pela cultura humana. Depois de tudo o que fizeram com a natureza que eu jurei proteger, acha que eu levaria você, e correria o risco de começar tudo de novo?!

O ódio em suas palavras era genuíno. Sabendo agora o que ele pretendia, eu não pude fazer mais nada. Estendi minha filha para ele, e de cabeça baixa e soluçando de tristeza, apenas disse:

— Por favor, leve minha filha, e dê a ela o bom futuro que prometeu a essas criaturas. Eu sei que a minha espécie não merece sua misericórdia. Demos as costas para a natureza, porque nos considerávamos superiores. Tudo que você fez foi nos mostrar como somos pequenos. Mas... Os humanos ainda são criações da natureza que você jurou proteger. Minha filha pode aprender a viver como vocês. Por favor, leve-a. É claro que isso me entristece, mas uma mãe nunca deixa escapar uma chance para seus filhotes. Por favor... Tenha piedade... E faça com que minha espécie possa voltar a ser parte de seus aliados.

Ele então pegou Ana, e a olhou em seus braços por um longo tempo. E voltou a olhar para mim.

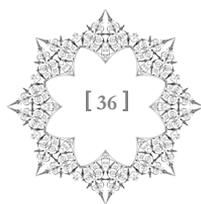
— Mas não posso deixar que volte após ver o local de embarque.

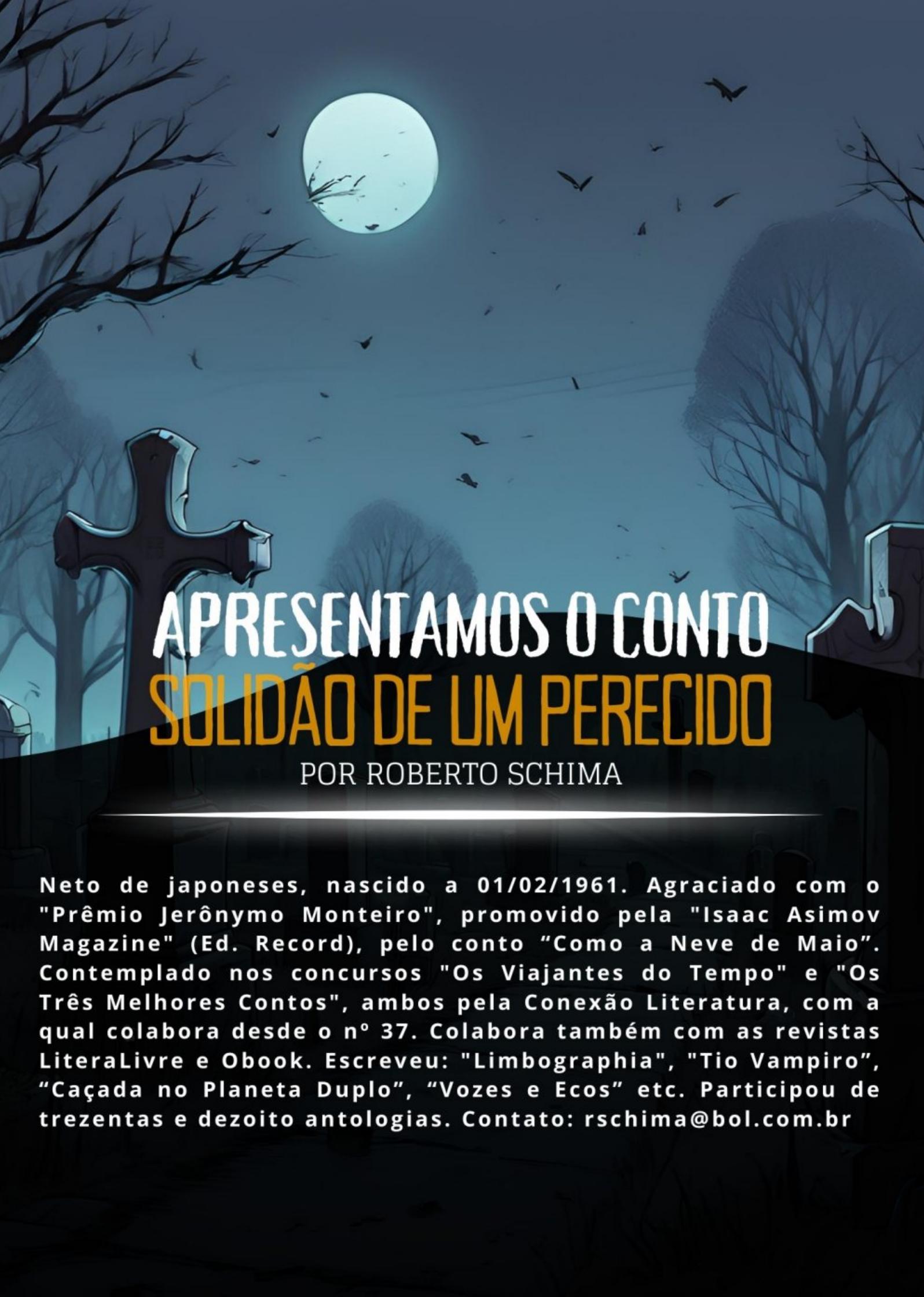
No fundo, eu já esperava por aquilo. Ele ia me matar. Mas, pelo menos, minha filha teria uma chance. Por isso, apenas concordei com a cabeça, e ele disse:

— Eu sei que vocês humanos gostam de usar a escrita para registrar suas memórias, e deixar parte de sua história no mundo. Deixarei que faça isso enquanto levo sua filha para o barco.

Ele se virou e foi em direção ao barco, levando minha filha. E, com o papel e caneta que tinha trazido por acaso na trouxa, eu deixo esse relato nessa praia, que não sei se um dia alguém encontrará. Mas ele me deixou alguns minutos para fazer isso, e não quis desperdiçar. Já vejo ele voltando do barco para cumprir o que prometeu. Mas eu não estou com medo. Acho que, pelo menos, vai ser mais rápido que a morte por fome.

Mas... Espere. Estou vendo as mãos dele de longe. Estão com manchas que não estavam lá antes. Aquilo é... sangue?!





APRESENTAMOS O CONTO SOLIDÃO DE UM PERECIDO

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com as revistas LiteraLivre e Obook. Escreveu: "Limbographia", "Tio Vampiro", "Caçada no Planeta Duplo", "Vozes e Ecos" etc. Participou de trezentas e dezoito antologias. Contato: rschima@bol.com.br

Era uma noite silenciosa e fria de final de inverno.

Uma chuva fina vertia do céu escuro, acompanhada por rajadas de vento cuja lamúria entristeceria o mais rígido coração. Os caprichos do clima foram dotados de tais dons: afetar o interior das pessoas, evocar emoções, reavivar memórias, pincelar melancolia e cinzelar a personalidades. Quantas recordações não se ocultavam sob os respingos de uma madrugada chuvosa...

E ali, naquele lugar, quantas vidas não ficaram para trás.

O cemitério.

Em meio à quietude, um espectro jazia recurvado sobre seu túmulo. Era tão tênue quanto a bruma rasteira a sua volta. A ela poderia ser confundido, não se sobressaísse mais ao alto e não estivesse estacionário sobre o sepulcro. Havia um nome escrito na lápide, todavia, o espectro não mais reconhecia como sendo o seu, tampouco as faces encarquilhadas na fotografia. Um abismo de distância o separava de sua existência em vida. Nome algum lhe fazia sentido, sequer um rosto.

Quanto tempo estaria ali? Nem o próprio saberia dizer. Relógios perderam a sua razão de ser. O que um dia fora o fluxo da vida, de um rio cristalino convertera-se em uma lagoa de águas turvas. E lá se encontrava ele, em sua maior profundidade, onde tudo era sombrio.

Sua presença naquele lugar santo já se constituía um enigma.

Por que ainda tenho consciência? Por que continuo aqui?

Lançou um olhar sobre os jazigos próximos e mais além, até fundirem-se às sombras e a névoa que ora deslizava rente ao chão tal qual uma mortalha, cuja presença era denunciada pela suave luminosidade de lâmpadas próximas. Avistou as colinas, os gramados, o terreno barrento, os ramos secos de flores despetaladas. Anjos de gesso, encardidos de longa data, derramavam as lágrimas do céu, perpetuamente congelados em seu pesar. Sentiu-se como um deles.

Cruzes tortas.

Lápides corroídas.

E retratos desbotados.

A chuva gotejava em poças d'água.

A ventania soprava um réquiem tristonho.

Claro que "olhar" era tão somente uma palavra de cinco letras, mera força de expressão, pois, enquanto espectro, olhos não mais possuía, sequer um semblante. Suas formas difusas faziam lembrar algo vagamente humano, mas não passava de um reflexo em um espelho distorcido, uma miragem no deserto.

Observou um dos anjos em particular, debruçado sobre uma lápide suntuosa, asas pendentes, a prantear para sempre quem quer que lá estivesse sepultado. A foto do morto, bastante apagada, fazia perceber tratar-se de uma mulher. Se a falta de economia nos gastos com a obra funerária fosse um indicativo do apreço pela pessoa que um dia fora, além de amada, sua ausência causara infinita tristeza. Contudo, o estado de abandono da sepultura mostrava que, quem quer que fosse o amado, havia muito deixara esse mundo. Assim, ter-se-ia implícito o consolo — quiçá a esperança — de que, fosse onde fosse, tivessem se reencontrado.

O espectro suspirou. E, novamente, "suspirar" era só uma maneira de dizer.

Sabe qual é a pior coisa de se estar morto? A solidão. Ficamos em um limbo. Nem lá. Nem cá.

As pessoas falam sobre céu e inferno. Pergunto-me onde está bifurcação que levaria para um ou para outro. E o que é que me prende aqui, ao meu corpo pútrido cuja visão só me atormenta e entristece?

Não conheço o céu, tampouco o inferno, exceto metaforicamente.

Creio que aqueles que escreveram sobre tais recantos também não sabiam, pois nunca estiveram lá. Quem poderá culpá-los por suas esperanças, fantasias e pavores? Dante... Milton... Quantos não compuseram textos e livros sobre coisas das quais nada entendiam?

Ah, aqui estou e aqui aguardo... Pelo quê, Senhor? Que um anjo como esse coitado de gesso surja de repente, envolto em uma auréola de luz, e diga: "Bom garoto, vamos agora até o céu confabular as vicissitudes da vida com São Pedro..."?

Um vendaval súbito agitou árvores próximas. Na escuridão, farfalharam assustadoramente.

Gritos.

Cacofonia.

Burburinhos.
Aí, murmúrios.

Céus! Que susto!

Sou um fantasma triste e solitário, uma alma penada, um espírito errante, um tipo de Gasparzinho¹. Deveria achar graça, porém, não acho.

Indago-me a respeito de outros mortos. Onde estão? Foram gemer e arrastar correntes em Canterville? Assombrar casas abandonadas no interior? É um cemitério tão grande! Apareçam!

Pelo que me recordo, nada vi ou ouvi além de manifestações fugazes: fiapos de névoa, sombras fugidias, lampejos de fogo fátuo, ocasionais lamúrias de gato no cio... Quando tentei me aproximar até onde me era permitido ir em relação ao meu túmulo — diria com frio nas canelas, todavia, não as possuo mais —, fugiram irremediavelmente. Até poderia dizer que sentiram medo de espírito, contudo, mais uma vez sou incapaz de sorrir.

Enquanto um morto novato, a conclusão que chego é a de que os perecidos depreciam a presença de seus semelhantes. Talvez por ser um lembrete imediato, senão permanente, de sua própria condição, prisioneiro entre duas eternidades. Por extensão, suponho ser os contos dos avós a respeito de procissões uma balela, meras histórias para amedrontar crianças. Ao menos desde que perdi a vida, não testemunhei nenhum desfile de fantasmas. Assim, retorno ao ponto inicial de minhas divagações: a solidão.

Estarei no purgatório?

Qual a natureza do purgatório? Uma infinidade de eras a nossa disposição ou por imposição a fim de meditarmos sobre a vida que tivemos, nossas boas ações e, principalmente, nossos pecados? Sem advogado, júri ou juiz? O que esperam de mim? Que assumo as minhas culpas? Que implore perdão? Quem seria esse alguém? O chefe Todo Poderoso?

Sempre pensei que a morte fosse a paz. "Descanse em paz", não é o que dizem? Todavia, não obstante a quietude daqui, paz é o que não encontro. Se para alguns estar sozinho representa a paz, some-se a isso a perspectiva do eterno, e transformar-se-á num suplício sem fim.

Isto não é paz!

¹ *Casper the Friendly Ghost*, Seymour Reit/Joe Oriollo, 1945, Harvey Comics.

Havia a noite.

Havia o vento.

Havia a chuva.

Preso à amargura, o espectro, de repente percebeu em meio à bruma que, em um canto sob uma árvore, o solo fora recentemente remexido. A tonalidade era diferente. Certamente, o enterro fora de dia, quando seu tormento se fazia nas trevas do sepulcro, entre as tábuas do caixão e a sete palmos de terra. A única razão de agradecimento se resumia em não mais possuir narinas a serem violentadas por odores de suas próprias exalações.

Tratava-se de um túmulo recente.

Dirigiu-se até lá, flutuando a poucos centímetros acima do chão como se parte do nevoeiro fizesse.

A nova sepultura ficava nos limites do perímetro após o qual — por razões que a própria razão desconhecia — não conseguia ultrapassar.

Lá ficou, intrigado.

Tratava-se de um túmulo modesto. Não havia sequer uma cobertura de alvenaria. Resumia-se a uma placa contendo o nome e as datas de nascimento e falecimento. O que representavam essas informações agora? Ainda assim, pelo nome viu tratar-se de uma mulher e, pela subtração das datas calculou sua idade ao morrer: doze anos.

Tão jovem!

Ele próprio tinha setenta e quatro anos quando fora a óbito. Bem ou mal, percorrera a plenitude da vida, o apogeu da juventude até o declínio do vigor e o caminho que levaria a absoluta decrepitude, não fosse o infarto abreviar a longa jornada. Aquela criança, contudo, que oportunidade tivera de saber algo do mundo? Foi inevitável o sentimento de injustiça e inconformidade. Se existia algo como um Criador, e, se ele exercia alguma influência sobre os destinos individuais, o que levaria alguns a terem uma boa vida até avançada idade enquanto outros a veriam ceifada sem sequer desabrocharem? Por que os canalhas aparentavam prosperar ao passo que gente de boa índole perecia à míngua? Talvez fosse apenas questão de sorte e azar, um jogar de dados, estar no local errado na

hora errada, de hereditariedade. Em vida, um dos filmes favoritos do espectro fora *Alguém Lá em Cima Gosta de Mim*². Se havia um Deus, era daquele jeito que ele imaginava ser.

Foi quando, ao lembrar algumas cenas de George Burns e John Denver, percebeu algo emergir do solo recém-revirado: uma névoa. E, embora sem ouvidos, escutou a voz miúda sem corpo:

Onde estou?

Provavelmente tão surpreso quanto a menina devia estar, pensou e respondeu:

Você renasceu.

A névoa tremulou. Por um momento, deu a impressão de que iria se dissipar no frio da noite, entretanto não o fez. O velho espectro sabia o quanto as memórias podiam magoar. E, no caso dela, embora fossem poucas, estavam frescas feito as flores da manhã cobertas pelo orvalho.

Renasci?... Mamãe... Papai...

Agora, eles fazem parte de um sonho, um bom sonho, mas precisará aprender a seguir em frente. Seja "em frente" aonde for.

Aqui... É um cemitério!

Sim.

Eu... eu... Tava doente! Então, eu... eu...

Sim, criança.

Se o pequeno espectro tivesse um corpo, ele teria estremecido. A jovem, confusa e apavorada, soluçou e chorou sob a gélida chuva de inverno.

² *Oh, God!*, Carl Reiner, 1977.

O velho nada pôde fazer além de aguardar o cessar das lágrimas inexistentes, mas cuja tristeza era tão palpável quanto os anjos e os mausoléus a sua volta. Desejou abraçá-la, dando-se conta da ausência de braços, ficando tão frustrado quanto um amputado que ainda podia sentir seu membro perdido. Incerto quanto ao próprio caminho que deveria seguir, propôs esperançoso:

Se não se incomodar, podemos ficar juntos, conversarmos, fazermos companhia um ao outro até ver o que irá acontecer.

O que vai acontecer?

Eu não sei. Espero aqui noite após noite... sozinho. Porém, alguma coisa tem que ocorrer! Concorda em ficar comigo?

Era quase uma súplica.

Caiu o silêncio por um momento, quebrado pelo som do vento nas folhagens e o chapinhar da chuva.

Por fim, o pequeno espectro se manifestou:

Mamãe dizia para eu não conversar com estranhos. Mas tô falando com o senhor. Meu coração diz que o senhor é bom. E mamãe não tá aqui para me proteger. Nem papai. Talvez o senhor possa fazer isso. Pode?

Farei o melhor que puder!

Felizmente, o espírito da menina era recente demais para, a exemplo de outros espectros, fugir ante a presença de um igual.

O espectro mais velho percebeu, então, que ainda que a eternidade os aguardasse, ela poderia não ser tão tenebrosa, ao menos naquela noite fria, quando a chuva fina umedecia e molhava os milhares de túmulos sob um amargurado céu sem estrelas. Eventualmente, algum destino os aguardaria, assim como levava as almas dos outros sepulcros. Que caminhassem juntos como um avô e neta que jamais teve. Se possuísse

lábios, teria sorrído. Se tivesse coração, estaria aquecido. E quanto a um corpo, sentir-se-ia menino.

Trevas se tornaram menos escuras.

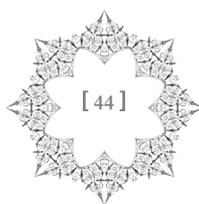
A friagem se tornou menos fria.

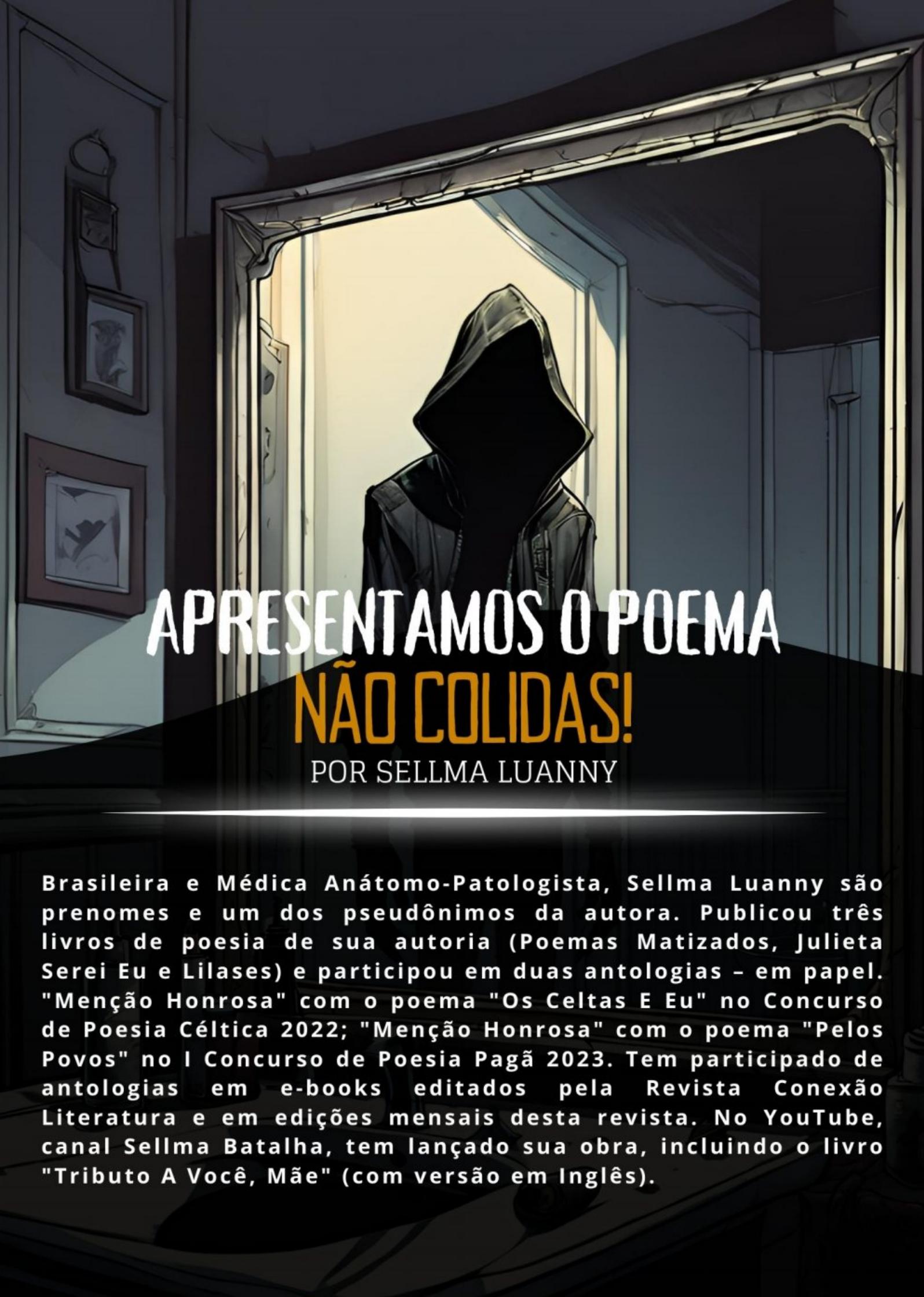
A espera, mais esperançosa.

Não havia mais solidão.

NOTA DO AUTOR:

Conto publicado originalmente na antologia “Necrópole” (Carnage, 2022), organizada por James Gallagher Junior.





APRESENTAMOS O POEMA NÃO COLIDAS!

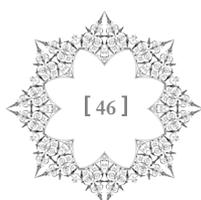
POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Para onde vais?
Para onde andas?
À tua frente
teu espelho,
teu reflexo... neste visor.
A parar, a vultear,
com os outros, a colidir...

Aonde vais?
Para onde caminhas?
Dos teus desejos
— se os tem —
outros díspares sabores,
a não degustar.
A já não pensar.

Pões-te alheio(a)...
distante, sem rumo...
Com a máquina,
calibrada, estás.
Deixaste de sonhar...
de agir... ainda amas?
Aonde chegarás?





APRESENTAMOS O POEMA

SENSAÇÕES

POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Selma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Como um sopro, talvez...
Mas, de dentro... parece vir.
O que será?

Ou seria mímica
de alguma coisa sem voz?
Sei lá!

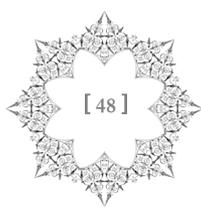
Chama... clama?
Sei que impressiona...
A uma resposta não deparo.

Como analisar?
Substrato não há. Estranhas
sensações. Nada mais!

Algo que roga sem palavras.
Incomoda sem definir.
Parece alí... Mas onde?

Uma incapacidade
de luzir, de clarear...
Tamanha bruma!

Só a noite profunda para
por vezes, serenar...
este frustrante indagar.





APRESENTAMOS O POEMA

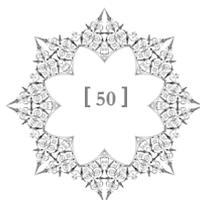
MEDO

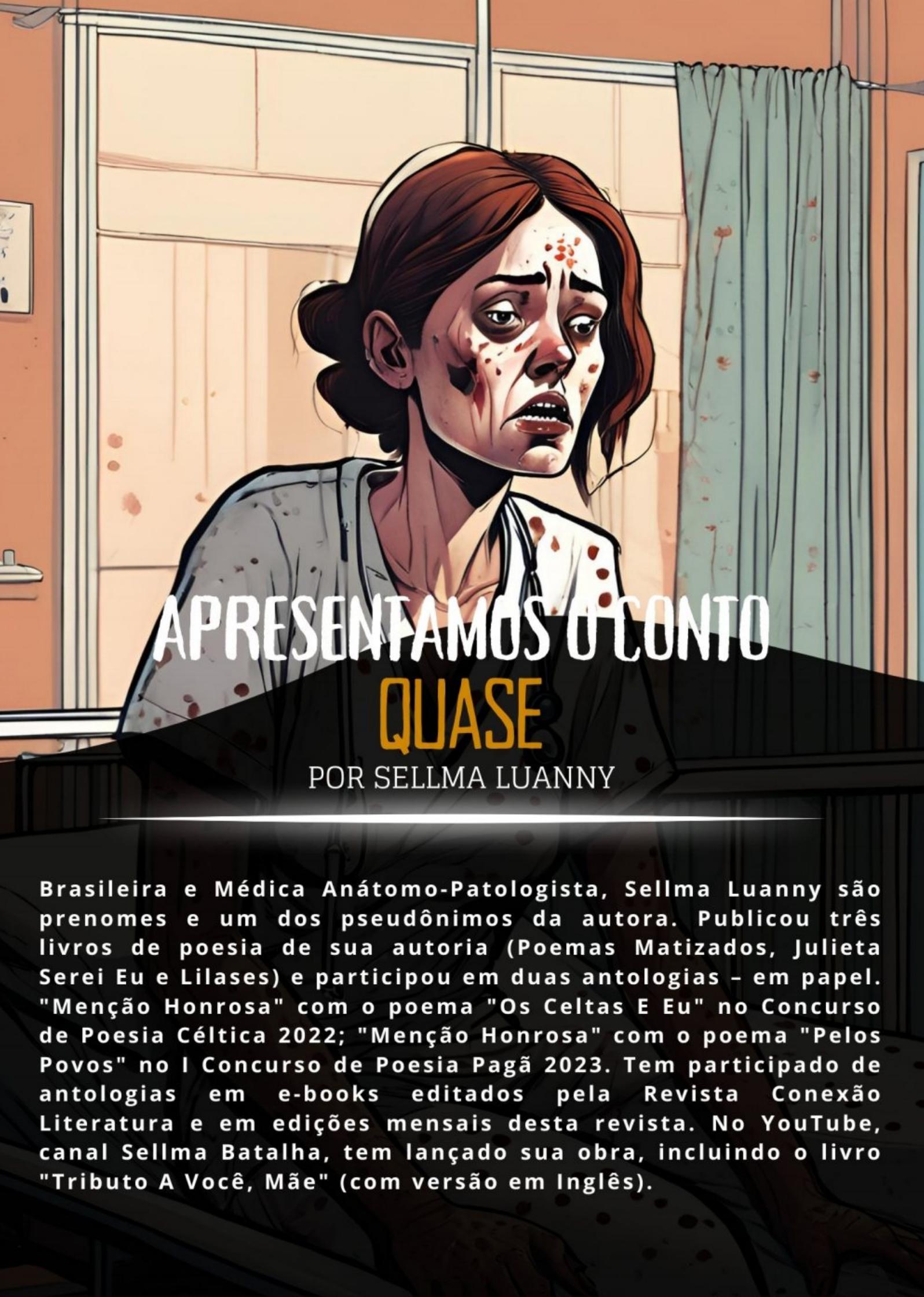
POR SELLMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Ao sentir na boca,
o galopar do coração...
e em monumental
ebulição, o cérebro...
e num misto de
opostos incongruentes,
buscar respostas...
e o não chegar
a nenhum lugar...

Pernas cambaleantes.
Apetite inexistente.
Sem energia
para um mínimo de
resistência, vencer.
Fixo em segundos
que não passam,
a ser comprimido,
o corpo... sem saída.





APRESENTAMOS O CONTO QUASE

POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Foram duas semanas, quase três, de azar — apesar de os otimistas e supersticiosos não gostarem desta palavra (alguns até dizem que a palavra "azar" traz mais coisas ruins), não se define melhor, o ocorrido. E o "mal" já estava instalado.

Após ter sido intoxicada por um inseto venenoso, sem se dar conta e saber da causa — só sabida depois da explicação do médico — e ter manchas avermelhadas na pele de toda a região do dorso, por mais de uma semana, foi ao tal médico e foi tratada. Mas o seu sistema imunológico não resistiu e "veio abaixo". Sofrera nova agressão e nova ida ao mesmo médico.

Foi então que devido a uma medicação prescrita em dose definitivamente alta para o seu organismo, fora mais uma vez, intoxicada.

Desta vez, acometida por terríveis sintomas.

Aquele medicamento motivou vômitos incoercíveis — tipo "em jato" —, seguidos de desidratação e confusão mental.

Não houve outra solução que não fosse a de ir parar na emergência de um hospital e ter de ser internada por quase quatro dias para ser tratada com soluções endovenosas e estabilizar a sua saúde.

Nunca dantes acontecera algo semelhante com ela.

E de tudo isso, dois aspectos foram mais marcantes.

Primeiro a desidratação e conseqüente fraqueza generalizada.

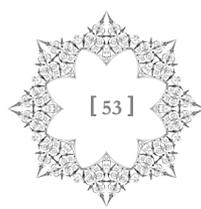
Segundo, a confusão mental que se seguiu.

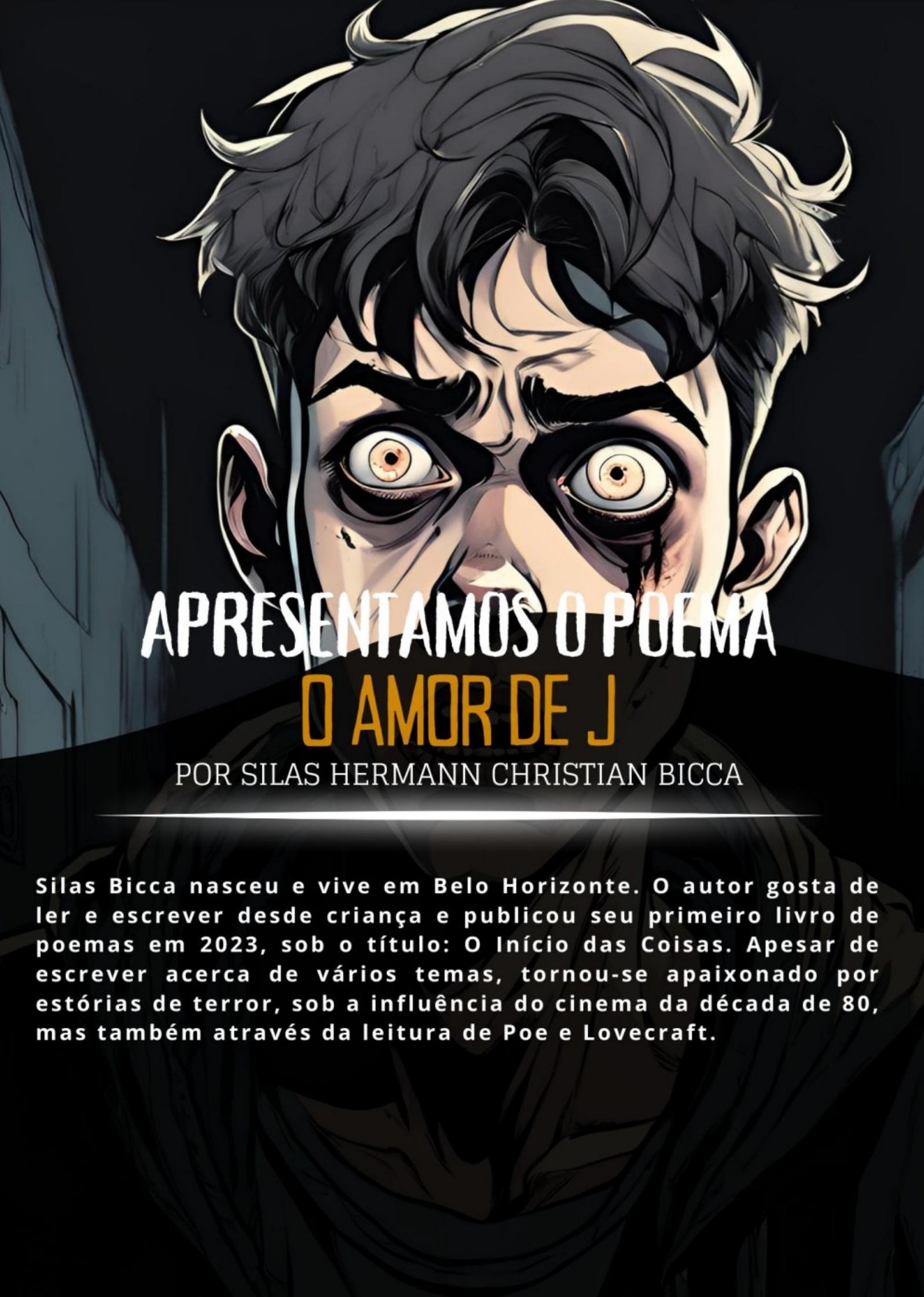
Este estado mental anormal ou deficiente foi responsável por lhe tirar a "noção" de uma noite inteira, pois simplesmente não dera conta de como o tempo passou — aparentando não ter existido aquele intervalo de tempo quando o seu cérebro lúcido esteve "apagado".

Uma verdadeira noite de terror!

E a conclusão geral foi a de que se não tivesse tido ajuda, teria sucumbido à gravidade do quadro, pois só se deu conta de tudo, depois que começou a melhorar pelo tratamento na internação.

E veio-lhe a certeza de que muitas pessoas falecem por não terem socorro a tempo... e o famoso dito popular a aflorar: "para morrer basta estar vivo".





APRESENTAMOS O POEMA O AMOR DE J

POR SILAS HERMANN CHRISTIAN BICCA

Silas Bicca nasceu e vive em Belo Horizonte. O autor gosta de ler e escrever desde criança e publicou seu primeiro livro de poemas em 2023, sob o título: O Início das Coisas. Apesar de escrever acerca de vários temas, tornou-se apaixonado por histórias de terror, sob a influência do cinema da década de 80, mas também através da leitura de Poe e Lovecraft.

*I'm so in love with you,
over the death there is only
the serenity of the deep lake.*

*Sharp knife and the axe is bright.
I will not remain in the shadows,
no more.*

*I want to show to the world
that my love is real.*

Your flesh is so tender baby.

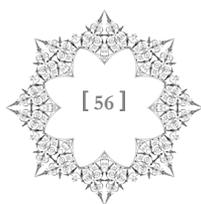
O rapaz abriu a porta e não me viu,
pele, carne, músculos e tendões.
A lâmina percorreu suave o relevo
da geografia vitimizada.
Imagino se o seu íntimo é assim, como o de todos
de vermelhos tons e brilhos viscosos,
ou se posso ser um artista
que desperta as cores do prisma
faz a composição da paleta
e imprime a feliz lividez em seu semblante
e nas suas mãos
delicadas.

A moça de cabelos dourados desceu a escada,
assustada.
Olhos azuis, gritos e lágrimas
pescoço, pernas e ombros
e o suéter cor-de-rosa.

Penso que se fosse você
muito mais bonito seria
pois com um vestido leve e claro
eu te deitaria
em um regato cercado pela sombra das árvores
e estas tornariam amenas as luzes da tarde
a possibilitar uma cena em que os seus cabelos
se espalhariam pela água,
enquanto a morte buscaria aconchego
na sua sagrada silhueta inerte.

Acredito que o hóquei é um esporte violento,
a brutalidade não poética é vil.
Se fosses minha eu seria seu
e nossos acampamentos de verão teriam o cheiro das flores pisoteadas
para atravessarmos marshmallows nos espetos
sob o calor da fogueira
em uma noite única em que estarei apto
a derramar sobre você
o meu amor sobrenatural.

Podemos nos encontrar na próxima sexta-feira treze?





APRESENTAMOS O POEMA O ÚLTIMO GOLE

POR SILAS HERMANN CHRISTIAN BICCA

Silas Bicca nasceu e vive em Belo Horizonte. O autor gosta de ler e escrever desde criança e publicou seu primeiro livro de poemas em 2023, sob o título: O Início das Coisas. Apesar de escrever acerca de vários temas, tornou-se apaixonado por histórias de terror, sob a influência do cinema da década de 80, mas também através da leitura de Poe e Lovecraft.

Já estive aqui
nessa esquina retorcida entre
o lugar nenhum e um outro qualquer.
É meio-dia, mas a luz do poste é acesa
na rua da aniquilação.

Sigo para o lado indicado pelo anjo de pedra que ergueu o olhar,
na viela suja
pelas páginas de jornais velhos,
escritos por suicidas atentos, poetas fúteis e comentaristas esportivos.

Sua voz não é estridente,
e por isso surpreende
ao triturar monólitos e espalhar seitas satânicas pelo ar.
Indica o fim como um encontro satisfatório.

O medo da sua sensualidade eclética se esvai,
junto com a água que pinga da velha calha
sobre o beco imundo.
A porta do momento antigo está aberta, basta entrar.

Perguntei ao porteiro
se haveria volta, mas
algo me empurrou e quando dei por mim,
já estava dentro.

Ouvi mais de perto o som
que criava um desconhecido.
Senti na nuca a friagem da perspectiva,
desconhecida, letal,
de um novo arranjo.

Vi as fileiras de garrafas,
e de estranhos que derramavam veneno
e vinho aos meus pés.

Pisei nas córneas esparramadas em um tapete molhado
por canções que passaram.
Amendoins, cinzeiros, não há fuga,
pois agora me perdi.

A voz continuava torturando,
as solitárias, os alcoólicos com nome,
rapazes e moças pálidos e perdidos.

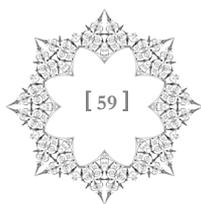
Foi quando avistei a amaldiçoada,
com sua nudez irônica,
que riu da flor que o demônio
atirou no palco.

Ela estala os dedos e desfaz a vida.

Olhei e confirmei que o agora já acontecera antes,
um tormento reconfortante.

Depois de provar que era
quem eu esperava,
concebeu que a minha loucura
poderia ser recompensada.

Esperei a diva descer do palco,
a portas cerradas, o infestado cálido,
e a companhia sedosa dissolveu
os meus átomos e o que eu julgava ser
um pesadelo de deleite.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI